



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - BACHARELADO

JOÃO BATISTA

**FRAGMENTOS POÉTICOS: A IDENTIDADE DO ARTISTA E DO OBSERVADOR
NA CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS DENTRO DO UNIVERSO DA ARTE**

CRICIÚMA

2015

JOÃO BATISTA

**FRAGMENTOS POÉTICOS: A IDENTIDADE DO ARTISTA E DO OBSERVADOR
NA CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS DENTRO DO UNIVERSO DA ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Me.Marcelo Feldhaus

CRICIÚMA

2015

JOÃO BATISTA

**FRAGMENTOS POÉTICOS: A IDENTIDADE DO ARTISTA E DO OBSERVADOR
NA CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS DENTRO DO UNIVERSO DA ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Linha de Pesquisa de Processos e Poéticas: Linguagens.

Criciúma, 25 de junho de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Marcelo Feldhaus - Mestre - (UNESC) - Orientador

Prof^a. Aurélia Regina de Souza Honorato - Mestre em Educação – (UNESC)

Prof^a. Angélica Neumaier – Especialista em Ensino da Arte – (UNESC)

Queria compartilhar com você minhas novas experiências. Mostrar que todas as suas decisões transformaram minha vida em um colorido sintonizado com o arco-íris das palavras mais intrigantes do universo.

**João Batista
(A Janela das Cores, 2014)**

AGRADECIMENTO: AS PÉTALAS DA VIDA

“A direção não era importante, pois a consciência está escutando alguns ruídos das gotas de chuva caindo sobre os galhos, desgastados pelo tempo.”¹¹ Ao amor, atenção, cuidado e carinho da minha mãe Kátia.

“E suave como uma pluma mergulhar no inconsciente e relembrar os raros momentos onde o sorriso mostrava ao mundo sua sincera sensibilidade.” Ao apoio, coração generoso, motivação, amor e dedicação da minha namorada e amiga: Kamila.

“Só precisamos mergulhar um pouco.” Ao desafio, buscas pessoais que através do amor pela arte me instigaram a prosseguir com o processo das narrativas poéticas e alçar voos ainda maiores dentro do campo artístico. Amigo, professor e orientador: Marcelo.

“Sim, aquela luz submersa significava sua forma de paz mais autêntica e expressiva, que o mundo jamais perceberá. Era intocável.” Aos anos de questionamentos e respostas que me fizeram compreender o mundo de uma forma mais suave e bonita, e que me permitiram abrir portas para sonhar ainda mais, amiga e segunda mãe: Moramei.

“Diga você mesmo que o movimento da vida não é o que representa sua forma material ou sentimental. Não é sua felicidade. Não é sua tristeza.” Aos anos de trabalho, aprendizado e simplesmente todos os desafios pessoais e profissionais que me proporcionaram momentos de muita felicidade e realizações. E que além de tudo cuidaram e me protegeram em todos momentos delicados, no traçar dos objetivos. Amigos e pais da vida: Eduardo e Deonízio.

“É seu ser tentando alcançar o impossível com a fórmula dos acontecimentos que o universo denominou como paz.” Ao mérito de presenciar questionamentos que dialogaram com meu eu interior, e todos os projetos que surgiram como forma autêntica de aprender a ver o meio acadêmico com um novo olhar, e presenciar os momentos da vida com maior plenitude. Amigo, professor e orientador, Jeferson.

“Olhe para baixo e veja o mundo acontecendo dentro da sua consciência e não abra os olhos agora, pois seus olhos estão embaçados com lágrimas que

¹¹Fragmento em itálico do texto narrativo poético "As Pétalas da Vida", ano 2014 – Autor: João Batista – Texto Completo no Apêndice S.

indicam sua forma mais pura.” Aos sentimentos mais sinceros e profundos que o universo me proporcionou ter, e agradecer por todos os momentos delicados e sinceros, além das risadas mais autênticas presenciadas na minha vida. Meus irmãos, amigos, Gabriel e Leonardo.

“É hora de descansar, escutar aqueles ruídos pela última vez, e esperar as borboletas se aproximarem.” Aos momentos incríveis que fizeram composição de um João cheio de emoções verdadeiras e novos aprendizados, que me proporcionaram ver o mundo de forma tão transparente quanto o vidro e dialogar de forma mais plena comigo mesmo, colegas universitários, projetos de pesquisa, extensão e estágios.

“Deixe a tempestade molhar seus sonhos sensíveis”. Aos dignos dias que me enriqueceram de conhecimento acadêmico, conversas que traziam novas possibilidades para uma vida cheia de cor, alegrias, tristezas e novas ideias, e todos os sentimentos que serviram para criar uma personalidade cheia de vida. Aos professores, e em especial Aurélia, Angélica, Odete, Isabel e Leila.

“E o sol fortalecer seu corpo como aquelas folhas desgastadas pelo tempo.” À natureza e ao universo por cuidarem de todas as feridas criadas até a conclusão deste, ao sol por me motivar a sorrir, à lua por me fazer refletir e rever meus valores perante a vida, e a todos os seres vivos que contribuíram de forma positiva desde então.

“Para mim, a palavra nasce como um exercício da solidão. É como um grito, que pode ou não ser ouvido.”

Vitor Mizael

RESUMO

As narrativas poéticas assumem papel de pesquisa através do título “Fragmentos Poéticos: a identidade do artista e do observador na construção das narrativas dentro do universo da arte”, onde reúno uma reflexão sobre como o processo artístico pode ser iniciado através de escritas que permeiam as linhas do papel, transgredir até a produção artística com relações entre a palavra e imagem e na utilização da narrativa poética como instrumento de abordagem de expressão. Faço uso de autores como CANTON (2009), FLUSSER (2002), GIL (1999), HALL (2005), SALLES (2009) e VYGOTSKY (2003), de forma que justifiquem as diferentes interpretações das poéticas no decorrer da pesquisa, que detalha um pouco do desenvolvimento prático e teórico das produções. Com base nestes teóricos faço uma linha imaginária de como o processo se desenvolveu, desde os princípios das ideias iniciais, até a conjunção das narrativas em vários capítulos, onde trago aproximação das escritas com todo processo criativo. Desta forma, abro o questionamento da problemática que atende como: Quais as relações entre a palavra, imagem e identidade na perspectiva de utilização da poesia enquanto objeto de arte em uma produção contemporânea? Neste questionamento retrato um pouco da diversidade de transgressões artísticas que contemplam o período da modernidade até contemporaneidade, como artistas que dialogam com as narrativas enviesadas expressam suas concepções artísticas através das obras. A amplitude do universo das narrativas enviesadas como forma de expressão dialoga diretamente com o imaginário, retratando a diversidade de interpretações que podem ser classificadas como forma de objeto.

Palavras-chave: Narrativas. Arte Contemporânea. Palavra. Imagem. Identidade. Fotografia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01. ROSANA RICALDE, 2013.....	19
Figura 02. Rosana Ricalde, 2013.....	19
Figura 03. Marcel Duchamp, 1920.....	21
Figura 04. Marcel Duchamp, 1951.....	21
Figura 05. Marcel Duchamp, 1917.....	22
Figura 06. Autorretrato, 2014.....	32
Figura 07. Comprometida para sempre, 2006.....	31
Figura 08. A noite, 2008.....	32
Figura 09. Esboço.....	35
Figura 10. Tabela Pantone.....	36
Figura 11. A sociologia da compreensão.....	37
Figura 12. A performance da emoção.....	37
Figura 13. A filosofia da razão.....	38
Figura 14. A fotografia da sensibilidade.....	38
Figura 15. Processo escrita no vidro.....	39
Figura 16. Kátia Mara Batista.....	41
Figura 17. Marcelo Feldhaus.....	43
Figura 18. Jeferson Azeredo.....	45
Figura 19. Kamila Soratto.....	47

SUMÁRIO

1 ERA TALVEZ UMA VEZ: A INTRODUÇÃO DE UMA HISTÓRIA EM PESQUISA	11
1.1 A VOZ DO SÁBIO: DELINEANDO A METODOLOGIA	13
1.2 A BÚSSOLA DO TEMPO: DE CAPÍTULO EM CAPÍTULO	15
2 A ESTRADA DO TRÊS: CONCEITOS, RUPTURAS E CONCEPÇÕES DA ARTE	17
2.1 O ESPELHO DA CONSCIÊNCIA: DO IMAGINÁRIO A IDEIA DE RUPTURA	20
3 O CASACO DAS ILUSÕES: AS NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS E SUAS RELAÇÕES COM O IMAGINÁRIO	24
3.1 O CORAÇÃO DE VIDRO: A NARRATIVA NA FOTOGRAFIA	26
3.2 O OLHAR DO GIRASSOL: O AUTORRETRATO DO COTIDIANO	27
4 O TAMBOR DA CRIATIVIDADE: A NARRATIVA POÉTICA COMO FORMA DE REFLEXÃO	29
4.1 AS MÃOS DO TEMPO: ARTISTAS CONTEMPORÂNEOS E SUAS NARRATIVAS POÉTICAS	30
5 O PESCADOR DE SONHOS: O PROCESSO DA OBRA	33
5.1 OS SONS DA LIBERDADE: A ESCOLHA DOS PARTICIPANTES	40
6 O SOFÁ DAS RESPOSTAS: CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICE(S)	53
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO	54
APÊNDICE B – O GAROTO DOS CÉUS	55
APÊNDICE C – O ALQUIMISTA DO TEMPO	56
APÊNDICE D – O TALVEZ DO PRÍNCIPE	57
APÊNDICE E – O CHÁ DE MARACUJÁ	58
APÊNDICE F – O SENHOR DO TEMPO	59
APÊNDICE G – ERA TALVEZ UMA VEZ	60
APÊNDICE H – A BÚSSOLA DO TEMPO	61
APÊNDICE I – A ESTRADA DO TRÊS	62
APÊNDICE J – O ESPELHO DA CONSCIÊNCIA	63
APÊNDICE K – O CASACO DAS ILUSÕES	64
APÊNDICE L – O CORAÇÃO DE VIDRO	65

APÊNDICE M – O OLHAR DO GIRASSOL	66
APÊNDICE N – O TAMBOR DA CRIATIVIDADE	67
APÊNDICE O – AS MÃOS DO TEMPO	68
APÊNDICE P – O PESCADOR DE SONHOS	69
APÊNDICE Q – OS SONS DA LIBERDADE.....	70
APÊNDICE R – O SOFÁ DAS RESPOSTAS.....	71
APÊNDICE S – AS PÉTALAS DA VIDA	72
APÊNDICE T – A JANELA DAS CORES.....	73

1 ERA TALVEZ UMA VEZ: A INTRODUÇÃO DE UMA HISTÓRIA EM PESQUISA

Opto por iniciar meu trabalho de conclusão de curso retomando, ainda que de forma breve, minha história de vida. Minha infância foi permeada por algumas lembranças, inscritas em folhas de vento tempestuoso que sopraram o início de valores sobre uma vida carregada de emoções. São conceitos, formas e questionamentos que fizeram parte de um quebra-cabeça desde criança até o mundo adulto.

Do rasgo na mochila até o contorno do lápis faber-castell² que ilustravam e carregavam todos os momentos que serviram de aproximação com arte e a escolha de minha profissão. **Quando era pequeno, meu sonho era ser piloto de caça. Alcançar os céus sempre foi o maior sonho de uma vida carregada de abstratas emoções³.** O abstrato se transformou em cores, o sonho em poética e os traços um reflexo do céu sobre o movimento das nuvens acondicionado em uma mochila.

Sol, chuva e tempestade, uma parte significativa do meu humor. **Questionar sempre foi um dilema conceitual na minha vida, não que abordar uma crítica tão coerente me trouxesse paz, mas que muitas vezes a razão me fazia acreditar em algo melhor⁴.** Decorrente de todas as críticas, meu interesse pelas letras e formas poéticas que faziam o conteúdo narrativo de uma história ser incrível se formou e através dessa linguagem, um universo de cores que sustentavam a forma de como a vida era se fez.

Quando o manto da noite cobria os sonhos daqueles que já tinham perdido a esperança, eu escrevia o retrato de um dia inconstante e cheio de contrastes sombrios⁵. E foi através dos dias que o ensino fundamental passou, o ensino médio chegou e a universidade vivenciei. No decorrer dos passos, o interesse pelo diálogo abstrato do lápis se tornou maior e a simetria fazia composição visual de elementos que representavam algum significado emocional para mim. Entender o lado mais sensível de cada momento me fez sintetizar isso em

² Referência a uma mochila e lápis de cor que foram objetos de coleção durante muitos anos de minha vida.

³ Fragmento do texto narrativo poético "O Garoto dos Céus", ano 2014 – Autor: João Batista - APÊNDICE B.

⁴ Fragmento do texto narrativo poético "O Garoto dos Céus", ano 2014 – Autor: João Batista - APÊNDICE B.

⁵ Fragmento do texto narrativo poético "O Garoto dos Céus", ano 2014 – Autor: João Batista - APÊNDICE B.

forma de expressões, que seguiam alguns parágrafos. Parte desta busca surge tentando compreender sentimentos que dentro de mim moravam **minha melhor amiga, a frustração, sempre sentava ao meu lado para contribuir em algum assunto pendente na minha consciência. E bem, ela não gostava de sorrisos, e aceitava somente o olhar frio de quem se aproximava.**⁶

Como em cada ciclo o tempo sempre esteve presente em forma de aprendizado, **o tempo onde segurar uma bola me trazia o sorriso e a companhia de um pai inexistente. O tempo do patinar e vivenciar o vento de forma inesquecível, o tempo de ter pesadelos com a matemática, química e física, que constantemente me impediam de ser livre das razões criadas para humanidade**⁷. Surgiu o tempo de tentar buscar uma forma autêntica de resgatar minhas emoções passadas de letras para o objeto, que representam o mundo artístico no qual estou situado. Transgredir pode significar buscar, que vem da curiosidade de entender as transformações do tempo, base para melhorar aquilo que foi parte do passado.

Acreditava que carregar a mochila era temporário, mas vejo que será eterno para aqueles que acreditam em um mundo consciente e diferente. De bares cheios a conversas vazias, o tempo criou o que consideramos maturidade⁸, que serviu de espelho para lembrar todos os lugares onde estive, e o quanto essa cultura influenciou minha vontade de expressar o objeto através da poesia.

Era como se chegasse um momento da sua vida em que você passa a compreender tão bem certas coisas que tudo se transforma em variáveis, tão simples quanto uma conta acompanhada da tabuada no lápis. Entendo que, ou você vem para o mundo para ser piloto ou será eternamente passageiro.⁹

Compreender a importância do processo criativo dentro da crítica sempre foi uma viagem, que em delongas se materializou com nuvens e pequenos raios solares que mostraram o quanto é fundamental materializarmos as letras através dos objetos para que a sensibilidade se mostre como uma asa entre a cultura e as

⁶Fragmento do texto narrativo poético "O Garoto dos Céus", ano 2014 – Autor: João Batista - APÊNDICE B.

⁷Fragmento do texto narrativo poético "O Garoto dos Céus", ano 2014 – Autor: João Batista - APÊNDICE B.

⁸Fragmento do texto narrativo poético "O Garoto dos Céus", ano 2014 – Autor: João Batista - APÊNDICE B.

⁹Fragmento do texto narrativo poético "O Garoto dos Céus", ano 2014 – Autor: João Batista - APÊNDICE B.

peessoas.

E talvez, compreender que esse processo seja uma forma de ver um novo horizonte. Do estágio até a direção de arte final, do all-star molhado até o chão liso, a criatividade significou transgressão, e as letras, uma possível linguagem material. **Não tenho dúvidas que possuo os sonhos do mundo, mas por enquanto essa pequena cidade traça o que chamamos de acordar. A despedida chega junto com o sol já levantando, e todas as responsabilidades possuem a insônia da lua sobre a noite**¹⁰.

Poetizar o ponto de diálogo entre a letra, a palavra e a imagem é o que proponho discutir nesta pesquisa. Compreender como a arte é expressa nas estradas contemporâneas acabou se revelando um conceito de pesquisa em que proponho a união de meu processo criativo articulado a um referencial artístico que fundamenta minha proposta de produção artística. Alcançar os céus através dos contornos lineares subjetivos e autenticar cada verso citado de forma objetiva seria como dar vida a todas as palavras que na folha vivem e respiram. Esse caminho surge como uma necessidade de detalhar e descobrir o trajeto das poesias no meio contemporâneo através do meu espelho, qual sua função também na formação do caráter do artista, e sua importância dentro de outras áreas das artes visuais. O roteiro será velejado por escrita, e no alto mar, a poética da fotografia e da narrativa enviesada traz a linguagem de objeto como formalização do caráter artístico, seja como obra, ensaio ou apresentação.

1.1 A VOZ DO SÁBIO: DELINEANDO A METODOLOGIA

Segundo Zamboni (2006, p.43) a pesquisa é “uma busca sistemática de soluções com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a qualquer área do conhecimento”.

A partir deste conceito, consideramos que a arte dentro do contexto metodológico dialogue com a cientificidade, não se distanciando de sua sensibilidade e poética. E nas palavras de Cattani (apud LEITE. 2008, p. 31) definimos a pesquisa em arte como:

¹⁰Fragmento do texto narrativo poético "O Garoto dos Céus", ano 2014 – Autor: João Batista - APÊNDICE B.

[...] aquela elaborada por artistas pesquisadores e que tem como produto uma obra de arte, “aquela relacionada à criação das obras, que compreende todos os elementos do fazer, a técnica, a elaboração de formas, a reflexão, ou seja, todos os elementos de um pensamento visual estruturado.”.

Esta pesquisa está inserida na Linha de Pesquisa de Processos e Poéticas: Linguagens do Curso de Artes Visuais Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC que apresenta como ementa: concepções teóricas e processos de criação contemplando as linguagens artísticas. Arte, linguagens e contextos dos fenômenos visuais¹¹.

Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, uma vez que objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista, envolvendo verdades e interesses universais. É uma pesquisa fundamentada em poéticas, identidade e escrita, elementos que não podemos quantificar. Minayo (2004, p. 21) define pesquisa qualitativa como aquela que:

[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Quanto aos objetivos, faço referência aos escritos de Gil (1999, p. 43) quando: “[...] tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos e de hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

A pesquisa envolve a seguinte problemática: Quais as relações entre a palavra, imagem e identidade na perspectiva de utilização da poesia enquanto objeto de arte em uma produção contemporânea? Entre seus principais objetivos, incluem-se: refletir sobre as formas de transgressão entre a escrita narrativa e o formato artístico do objeto dentro da arte contemporânea; analisar as diferentes formas de caracterização da narrativa poética dentro do cenário artístico e refletir sobre o processo criativo da narrativa poética, e seu desenvolvimento conceitual através da fundamentação em torno de cada expressão; apresentar produção artística articulada às reflexões conceituais desenvolvidas no percurso da pesquisa.

Quanto aos procedimentos técnicos, o estudo envolve uma pesquisa

¹¹ Documento disponível em: <http://www.unesc.net/portal/capa/index/42/2479/>. Acesso em: 25 de maio de 2015, às 10 horas.

bibliográfica, ou seja, é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros, artigos científicos e imagens de arte que envolvem a palavra e a imagem. Abarca também uma pesquisa de campo com o uso de entrevistas.

Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretenderam fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes. (SELLTIZ et al, 1967 apud GIL, 1999, p.117)

Foram envolvidos quatro participantes na observação, escolhidos por mim. Os mesmos tiveram e têm vínculo direto com a construção das narrativas poéticas em forma de vivências cotidianas com minha história de vida, participando da construção de minha identidade artística. Mediante Termo de Consentimento¹², os integrantes entrevistados foram: Kamila Soratto da Silva, Marcelo Feldhaus, Jeferson Azeredo e Kátia Mara Batista.

1.2 A BÚSSOLA DO TEMPO: DE CAPÍTULO EM CAPÍTULO

Esta pesquisa é composta de seis capítulos. Neste primeiro inicio com minha justificativa de pesquisa e posteriormente a metodologia, onde uso autores como Gil (1999), Zamboni (2006) e Minayo (2004). No capítulo seguinte, que denomino “A estrada do três: conceitos, rupturas e concepções de arte”, delinco a narrativa poética dentro da história da arte, do modernismo até o contemporâneo, e todo contexto imaginário, utilizando principalmente Canton (2009) e Vygotsky (2003). No subcapítulo, relembro o cenário da arte conceitual e o *ready-made* de Marcel Duchamp, tratando principalmente da identidade artística com autores como Salles (2009) e Hall (2005).

No terceiro capítulo, “O casaco das ilusões: as narrativas contemporâneas e suas relações com o imaginário”, me remeto mais profundamente às narrativas, o processo de escrita e imaginário, com autores como Leenhardt (2007) e novamente Canton (2009). Este capítulo possui duas subdivisões, a primeira delas “O coração de vidro: a narrativa na fotografia”, faço uma breve conceitualização sobre fotografia, através de Flusser (2002) e já inicio alguns pensamentos breves sobre o uso dessa

¹² Exemplo de documento em APÊNDICE A, documentos originais estão com pesquisador.

linguagem em minha produção. No segundo subcapítulo, escrevo sobre autorretrato, embasado em Canton (2004) e Chiarelli (1999), onde falo dessa necessidade do homem em se expressar e se colocar como parte de uma história.

“O tambor da criatividade: a narrativa poética como forma de reflexão”, quarto capítulo, vem, como o próprio nome denomina, de uma reflexão a partir das narrativas, sua visão sensível e proximidade com “eu” e seus valores. Para isso faço uso de Laraia (1997). No subcapítulo seguinte trago três artistas que fazem uso de narrativas de maneira singular através das palavras de Canton (2009).

O quinto capítulo apresenta fragmentos de todo meu processo de criação da produção, entre cores, escritas e linguagens, envolvendo autores já citados como: Salles (2009), Canton (2009), Flusser (2002) e Hall (2005). Nesse capítulo, procuro colocar passo a passo, justificando a escolha dos participantes desta pesquisa, a partir de fundamentação específica.

O “sofá das respostas” finaliza minha pesquisa, pontuando as questões principais e reflexões concebidas durante todo processo.

2 A ESTRADA DO TRÊS: CONCEITOS, RUPTURAS E CONCEPÇÕES DA ARTE

A linha tênue entre as transições dos períodos na história da arte remete-se a fatores sociais, políticos e conceituais que refletem a vivência do artista dentro de cada momento histórico. O desenvolvimento das produções artísticas está ligado à cultura em que o artista está inserido. Em uma análise objetiva, a arte através da história, sofreu rompimentos e se transformou ao longo de cada período, no que se refere à condição de como é apresentada para o espectador.

Identifico no modernismo (primeiras décadas do século XX) a narrativa como forma de transgressão a um modelo figurativo e clássico de representar a realidade. Esses exemplos são encontrados nas obras de: Joseph Kosuth, Jenny Holzer e Bárbara Kruger. Já na arte contemporânea, a palavra, a imagem, os diferentes suportes e a reaproximação das produções com a natureza e o cotidiano tomam forma em produções conceituais e híbridas.

As rupturas surgem dentro da diversidade de tentativas de conceituar objetos cotidianos pela arte, e o contemporâneo traz através destas experiências uma concepção diferenciada de adaptação e mistura visual de utilização dos materiais já existentes no cotidiano pelo artista. Em um breve retorno aos períodos anteriores, conseguimos identificar que a forma de arte ocupava uma vertente mais objetiva. Pinturas e conceitos eram propriamente denominados para atuar apenas em determinados tipos de espaço e expressão; assim a busca pela ruptura tornou-se essencial. Com base nisto, surgiram aspectos filosóficos de convocação do espectador a participar ativamente das produções, que, no meu entendimento são a interpretação, compreensão e interação do espectador com a produção artística. Canton (2009b, p. 20) afirma que:

Para fruição da arte moderna, portanto, é preciso aliar a sensibilidade pessoal do observador, que se torna cada vez mais afiado no próprio exercício de vivência e observação das obras e arte, a uma compreensão tanto dos processos internos que mobilizam o artista como dos processos sócio-históricos que dão origem a suas obras.

A turbulência de ideias e experiências realizadas no período contemporâneo, dentro do contexto artístico, abriu portas para diferentes interpretações e inserções, alargando fronteiras e abrigando conceitos híbridos para as produções.

O diálogo com os objetos e sentidos pode ser considerado importante

dentro das produções contemporâneas. São questionamentos que nascem embalados de dúvidas e críticas pelo artista, e situam-se nas origens de cada conceito colocado na produção artística. Em um sentido abstrato, nossas percepções e vivências, sejam vistas ou escritas, constituem papel fundamental na criação artística. O período contemporâneo tem como base a pesquisa, a história e a filosofia presentes de forma representativa na arte, pois essas linhas permeiam a compreensão direta (de como apresentar) e indireta (de como interpretar) ao espectador.

Artistas contemporâneos buscam sentido. Um sentido que pode estar alicerçado em preocupações formais – intrínsecas à arte e que se sofisticaram com o desenvolvimento dos projetos modernistas do século XX-, mas que finca seus valores na compreensão (e na apreensão) da realidade, infiltrada dos meandros da política, da economia, da ecologia, da cultura, da fantasia, da afetividade. (CANTON, 2009c, p. 35)

O ciclo de transformações segue linhas de compreensão que podem ser estendidas através dos séculos, onde ocorrem sinais de diferentes interpretações na forma de compreender e também interpretar a arte. A literatura, por exemplo, se torna visível ao espectador como imaginação, e a arte como forma de materializar a imaginação através de cores e formas em diferentes suportes. Vygotsky (2003, p. 17) afirma que:

A atividade criadora da imaginação se encontra em relação direta com a riqueza e variedade de experiência acumulada pelo homem, porque esta experiência é o material com que a fantasia erige os seus edifícios. Quanto mais rica seja a experiência humana, tanto maior será o material de que dispõem essa imaginação.

Levando em consideração a forma como o observador contemporâneo interpreta a linguagem da produção artística, a literatura (palavra e poesia) e artes visuais (imagens) se identificam como processo. Sendo assim, as narrativas poéticas denominadas por Kátia Canton como “Narrativas Enviesadas” surgem como uma identidade imaginativa de como o artista compõe sua produção, ou seja, como evidencia a poesia na produção artística. Seguindo esta linha de entendimento, podemos citar como exemplo Rosana Ricalde¹³, artista brasileira, que nas palavras

¹³ Rosana Ricalde da Silva é formada em gravura pela Escola de Belas Artes da UFRJ, EBA, Rio de Janeiro. A artista descobre e renova uma memória não linear da escrita e da fala ao combinar suportes obsoletos com ditados esquecidos do latim ou transmitidos pela tradição oral; com verbos da

de Canton (2009c, p.44):

[...] usa em suas obras desenhos, esculturas-objetos e instalações e empreende investigações detalhadas sobre as possibilidades de percepção e recepção das palavras na construção dos sentidos. Seu trabalho se constitui, na maioria das vezes, de jogos instigantes que partem de textos de grandes escritores e pensadores, transformando-os em construções formais impecáveis.

Figura 01. Rosana Ricalde, 2013.



Fonte: [<http://murilocastro.com.br/rosana-ricalde/>]

Figura 02. Rosana Ricalde, 2013



Fonte: [<http://murilocastro.com.br/rosana-ricalde/>]

Rosana apresenta através de expressões, séries de ilustrações conceituadas e denominadas como Mares, que tem como significado abordar a importância dos rios e mares traçados pela história do contemporâneo.

língua portuguesa agrupados por expressarem uma ação comum; ou com poemas da literatura brasileira de autores de séculos passados. Disponível em: <https://www.escritoriodearte.com/artista/rosana-ricalde/>. Acesso em: 30 de maio de 2015 às 20 horas.

A forte referência do estilo oriental do artista Katsushika Hokusai¹⁴ retrata a simplicidade e suavidade das correntezas brasileiras, e a importância do espírito filosófico de Nietzsche até às poéticas de Guimarães Rosa. Estas abordagens ganham volume na autenticidade da artista na forma de expressar as ondas em diferentes tonalidades azuis, e os contornos suaves das palavras.

A narrativa poética compreende-se como identidade, tentando resgatar os sonhos lúcidos do artista e retratando o espaço do tempo imaginário até a construção do material a ser apresentado. Canton (2009c, p. 37) explica que: “[...] contar histórias se transforma em um jeito de se aproximar do outro e, na troca entre ambos, de gerar sentido em si e nesse outro”.

Concepções artísticas são classificadas no contemporâneo como identidade, que geralmente são rupturas. Esses conceitos podem ser vistos como transgressões, observados de forma imaginária, assim o objeto de exposição ganha sentido diversificado, de acordo com a profundidade do olhar do espectador. O artista, de forma subjetiva, se coloca em um período recheado de ideias, permeando diversas linguagens. Kátia Canton (2009b, p.49) entende que:

[...] a arte contemporânea que surge na continuidade da era moderna se materializa a partir de uma negociação constante entre arte e vida, vida e arte. Nesse campo de forças, artistas contemporâneos buscam um sentido, mas o que finca seus valores e potencializa a arte contemporânea são as inter-relações entre as diferentes áreas do conhecimento humano.

De uma forma objetiva, a importância da interpretação ganha espaço e sentido em um tempo onde a vivência do artista e suas barreiras sociais se tornam fundamentais para criação da produção com caráter de identidade e percepção do ambiente no qual está situado.

2.1 O ESPELHO DA CONSCIÊNCIA: DO IMAGINÁRIO À IDEIA DE RUPTURA

A interpretação do cenário social é uma forma autêntica da arte expressar todos os valores intelectuais presentes no cotidiano do indivíduo. A arte conceitual

¹⁴Katsushika Hokusai artista japonês, pintor de estilo ukiyo-e e gravurista do período Edo. Em sua época, era um dos principais especialistas em pintura chinesa do Japão. Conhecido por uma pintura icônica e internacionalmente conhecida, A Grande Onda de Kanagawa, criada durante a década de 1820. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Katsushika_Hokusai. Acesso em: 30 de maio de 2015, às 20 horas.

nesta linha de interpretação, ganha sentido através da experiência e forma de como o espectador se relaciona com a produção artística.

(...) arte podia existir fora dos veículos convencionais e “manuais” da pintura e da escultura, e para além de considerações de gosto; seu ponto de vista era que a arte relacionava-se mais com as intenções do artista do que com qualquer coisa que ele fizesse com as próprias mãos ou sentisse a respeito de beleza. Concepção e significado tinham precedência sobre a forma plástica, assim como o pensamento sobre a experiência dos sentidos. (SMITH, 2000, p. 223)

O conceito *ready-made*¹⁵ retrata um pouco da vida cotidiana e o quanto esses objetos influenciam na nossa forma de compreender arte e situar-nos dentro do imaginário de forma objetiva.

O artista Marcel Duchamp rompeu barreiras na forma de entender arte e interpretá-la, isso porque conceitos artísticos são baseados nas experiências de cada indivíduo, em cada ciclo. Dentro do conceito *ready-made* podemos citar como exemplo duas obras: *Fresh Window* (figura 03) e *Bicycle Wheel* (figura 04), que são representadas como gestos e passos do cotidiano dentro dessas interpretações.

Figura 03. Marcel Duchamp, 1920. Figura 04. Marcel Duchamp, 1951.



Fonte: [<http://www.moma.org>]

Essas abordagens ressaltam as transformações do período modernista até o contemporâneo, e o significado das obras são reflexo de leituras e

¹⁵O termo é criado por Marcel Duchamp para designar um tipo de objeto, por ele inventado, que consiste em um ou mais artigos de uso cotidiano, produzidos em massa, selecionados sem critérios estéticos e expostos como obras de arte em espaços especializados (museus e galerias). Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5370/ready-made>. Acesso em 16 de maio de 2015 às 20 horas.

interpretações nas formas. Por exemplo, um objeto cotidiano ganha um conceito através do qual o artista pretende expor, e ganha um novo significado a partir da compreensão do espectador, conferindo-lhe o status de arte, validado pelos museus, críticos e curadores.

A obra Fountain (figura 05) não é uma elaboração gestual do conceito artístico clássico, mas sim uma transgressão da forma de interpretarmos a imaginação, pois o processo está relacionado às vivências do artista e do espectador, que se transformam com a mesma constância das diversidades diárias. Seguindo essa essência de transformações, é possível colocarmos que a linguagem conceitual protagonizada por Duchamp permeia uma ampla diversidade de valores dentro do ambiente artístico. A arte conceitual é parte de uma colocação contemporânea onde o objeto cotidiano ganha um significado, a partir do lugar onde está sendo exposto ou observado, e geralmente tende a passar uma ideia distante de sua proposta enquanto objeto comum.

Figura 05. Marcel Duchamp, 1917.



Fonte: [<http://portaldoprofessor.mec.gov.br>]

Julgando a necessidade do homem moderno de transpor todos os valores artísticos, sociais e literários, essas abordagens começam a ganhar sentido, uma vez que o palco do século XX é movimentado com invenções e velocidade de

informações que carregam o tom de questionamento a cada novidade expressada aos olhos do espectador.

Os locais são representados através da cultura presente. A comunicação visual entre o espectador e o artista se tornou tênue e pública, adquirindo um aspecto transitório. Com a mudança no posicionamento das galerias e das obras, surge uma nova maneira de expor as necessidades sociais, ideológicas e ambientais.

Este posicionamento é retratado nas críticas que são colocadas através do caráter de identidade de cada indivíduo. A identidade fez emergir características que estão além dos valores tradicionais, pois o contato de indivíduos com informações e experiências se tornou comum. Segundo Hall (2005, p. 11)

(...) a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.

A importância da identidade dentro do contexto artístico lida com dois pontos no meio contemporâneo: a compreensão de composições que ressaltam a necessidade do sujeito de expressar suas vivências imersas dentro de cada círculo de relacionamento e a ligação que retrata as experiências através das identidades, acentuando características representadas através de influências culturais. Nas palavras de Salles (2009, p. 41):

O artista não é, sob esse ponto de vista, um ser isolado, mas alguém inserido e afetado pelo seu tempo e seus contemporâneos. O tempo e o espaço do objeto em criação são únicos e singulares e surgem de características que o artista vai lhes oferecendo, porém se alimentam do tempo e espaço e envolvem sua produção.

Nesta linha de raciocínio somos capazes de identificar a necessidade de ruptura e transgressão em diversas áreas da arte, visto que se tornou fundamental para o ser humano ir mais longe no papel de conhecedor e questionador. O ato de pensar refaz a forma de vermos o mundo e o conceito de diferentes formas artísticas. Dentro da narrativa, através do processo imaginativo, nos permitimos fruir pelo inconsciente.

3 O CASACO DAS ILUSÕES: AS NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS E SUAS RELAÇÕES COM O IMAGINÁRIO

A percepção da narrativa no contexto contemporâneo é singular no sentido de escrever e demonstrar, já que indiferente de como é exposta, é algo particular, que parte da identidade do indivíduo como escritor e artista. O caráter da expressão vai além das técnicas artísticas, porque permeia principalmente a imaginação e vivências relatadas no subconsciente. Vieira (2001, p. 606), a partir da visão de Aristóteles, cita a narrativa poética como:

[...] diferente da narrativa histórica, já que, enquanto esta última procura narrar os fatos ocorridos em um determinado período de tempo, mesmo que um não tenha relação com o outro, a narrativa poética procura narrar os fatos que representem uma ação completa.

A partir desta perspectiva, transmitir sensações e emoções para o mundo através de uma superfície como forma de registro (palavras, códigos, símbolos e signos) é compreender as relações entre o passado e presente; é contemplar gestos e objetos que podem ser ilustrados através do imaginário com significados que não correspondem à realidade. Esta busca é assimilada através da concepção contemporânea sobre a arte: a literatura artística. Canton (2009d, p. 30) cita: “A literatura é feita de memória, e cada criador a trata de maneira diferente. Seja como um tempo perdido, mas que nunca acaba, seja na forma de um lugar, de um espaço delimitado por lembranças”.

A sensibilidade é uma composição invisível para os olhos, e visível para o mundo, dado que nossas emoções são invisíveis para o mundo, e tornam-se visíveis quando expressamos de forma material ou corporal. Algumas percepções são colocadas através do subconsciente que é influenciado pelas vivências do artista, e outras acompanham as percepções ditadas pela velocidade das transformações e informações contemporâneas.

Sempre pensei em arte como um sistema que devesse ser sincero. Para mim, a arte deve servir as necessidades profundas de quem a produz, senão corre o risco de tornar-se superficial. O artista deve sempre trabalhar com as coisas que o tocam profundamente. Se lhe toca o azul, trabalhe, pois, com o azul. Se lhe tocam os trabalhos relacionados com a sua condição no mundo, trabalhe então com esses problemas. (PAULINO apud CANTON, 2009a, p.31)

O objeto ressalta a complexidade de como as cores e singularidade das formas que surgem no linear das interpretações, sugerem cada parte identificada como narrativa. O plural são concepções e abordagens feitas para quem interpreta e se identifica com a identidade de quem a expressa.

A síntese da poética literária questiona como sua transgressão acompanha essas concepções no meio contemporâneo e até que ponto sua concepção pode ser explorada além das escritas dialogadas com o papel. Kátia Canton (2009c, p. 37) destaca:

As palavras e seus sentidos, a memória, a herança e a tradição são elementos que passam a ser revalorizados num mundo inundado por imagens fosforescentes, propagadas incessantemente pela mídia. Eles formam uma narrativa que incorpora sobreposições, fragmentações, repetições, simultaneidade de tempo e espaço – enfim, todo o jogo que pode fornecer elementos para criação de uma obra de sentido aberto, que se constrói durante a relação com outro, com o público, com o leitor, com o observador.

A elaboração da escrita poética envolve emoções com caráter histórico, muitas vezes referenciando a personalidade do autor que pode ser compreendida como uma elaboração de pequenos contornos, por vezes interpretados como objetos, cores e ambientes, nos quais podem também transcrever a sensação da imagem caracterizada dentro da imaginação de cada indivíduo. Leenhardt (2007, p. 107) afirma:

Para quem não vê senão esse ponto de incandescência poética, a escrita entra, naturalmente, no domínio da filosofia, pois se uma coisa é isso e ao mesmo tempo pode ser aquilo, somente a imaginação saberá dar conta dessa complexidade.

A essência da escrita que retrata o imaginário literário, busca a transgressão como linguagem, apresentando vertentes que permeiam o profundo dentro do consciente. Parte desse retrato é subjetivamente ligado aos momentos históricos que desenharam o cenário artístico atual, com obras literárias que simulam a linguagem do artista como espectador. Essas transformações traçam uma linha que rabisca o contorno e abrange a concepção artística contemporânea e moderna, onde podem ser centralizadas com intensas emoções imaginárias e características racionais do objeto como forma de expressão.

3.1 O CORAÇÃO DE VIDRO: A NARRATIVA NA FOTOGRAFIA

A fotografia é uma narrativa que compõe em forma de imagem o retrato particular de cada indivíduo e de cada momento. Cotton (2010) relata que a fotografia se posiciona no universo artístico de forma ambígua, ou seja, ao mesmo tempo em que tem seu uso para registros, também é usada como forma de arte. Com isso compreende-se que através deste processo identificamos uma linhagem de sobreposições expressivas de elementos que geralmente são indicados com formas e representações variadas do cotidiano.

Quando colocamos a fotografia no papel de interpretação textual, ela traz elementos artísticos compostos de cenas que representam o significado baseado no pensamento do artista, ela então representa a ilustração da imaginação dos elementos escritos. Flusser (2002, p. 07) cita:

Imagens são superfícies que pretendem representar algo. Na maioria dos casos, algo que se encontra lá fora no espaço e no tempo. As imagens são portanto, resultado do esforço de se abstrair duas ou quatro dimensões espaços-temporais [...] Devem sua origem à capacidade de abstração específica que podemos chamar de imaginação.

As expressões, assim como as cores e elementos são composições fundamentais dentro das narrativas textuais que podem ser interpretadas através da imaginação do indivíduo. O artista materializa esse retrato de elementos de forma intencional, pois a fotografia carrega, além das capturas, a visão de como sua ideia seria interpretada e materializada dentro da narrativa poética textual. Ainda em concordância com Flusser (2002, p. 10):

A escrita surge de um passo para além das imagens, e não de um passo em direção ao mundo. Os textos não significam o mundo diretamente, mas através de imagens rasgadas. Os conceitos não significam fenômenos, significam ideias. Decifrar textos é descobrir as imagens significadas pelos conceitos.

A fotografia tende a seguir o cotidiano das pessoas de forma objetiva e subjetiva, colocá-la como forma de narrativa é uma maneira aproximada de identificarmos alguns elementos que são citados através das escritas. Quando pontuo aproximada, tento explicar que o cotidiano é parte de uma repetitiva forma de registrarmos os momentos importantes e também aqueles que se destacam pela diferença apresentada em relação a um dia bastante comum. E é através dessa

diferença, que surgem as misturas de elementos inesperados com interpretações subjetivas e com a capacidade de misturar diferentes pensamentos em relação a um simples momento.

A proposta de conceituar a produção artística por meio da fotografia vem da vontade de apresentar o início das minhas escritas poéticas através dos contornos daqueles que se fizeram presentes de forma direta e abriram minha consciência de forma criativa. Ilustrar essas ideias com o retrato de cada sujeito, é como um dialogar com a gravura da obra artística através da imagem e palavra.

3.2 O OLHAR DO GIRASSOL: O AUTORRETRATO DO COTIDIANO

Retratar a diversidade de objetos que constituem o nosso dia a dia é também uma forma de expor nossas emoções internas com roteiro diagramado através da fotografia ou qualquer meio de interpretação que ilustre os detalhes aos nossos olhos.

A fotografia, desde seu início no Brasil, por um lado serviu como registro da paisagem física e humana do país e, por outro, impulsionou certos artistas a realizar uma imersão mais vertical na busca do autoconhecimento como indivíduos ou seres sociais. Para eles, a fotografia não foi um meio para conhecer o mundo, mas um instrumento para conhecer-se e conhecer o outro no mundo. (CHIARELLI, 1999, p. 115).

O retrato do rosto é a primeira comunicação formal com qualquer indivíduo, isso significa que a linguagem de interpretação exemplifica a função de cada pensamento em relação ao objeto que é exposto. O externo ganha significados a partir das experiências de quem vê, e os sentimentos internos do artista são colocados de forma que signifiquem algo para quem busca apresentar ou dialogar com diferentes sujeitos.

As expressões constituem partes que motivam o indivíduo a compreender todas as formas, pois através desta comunicação as linhas compostas no rosto demonstram toda a simplicidade e vivência de quem está sendo exposto. As cores e objetos presentes na diagramação da composição artística são fundamentais para complementar todos os gestos expostos perante o retrato.

O autorretrato possui uma linha tênue com o tempo – o diálogo entre ambos é registrado, com a memória – que está presente na recordação de como o

presente se transforma no futuro e com o lugar – que ilustrará todas as mudanças do indivíduo através da cultura onde o mesmo está situado.

Na verdade o auto-retrato sempre acompanhou o ser humano em seu desejo de deixar uma marca de sua própria imagem, mesmo depois da passagem de sua vida. Essa autorrepresentação foi tomando formas diferentes no decorrer do tempo. Já na Pré-História, homens e mulheres desenhavam suas identidades com a marca das mãos dentro das cavernas. (CANTON, 2004, p. 05)

De uma maneira subjetiva, o espelho de cada momento é ilustrado através do retrato de como o artista coloca os pensamentos e todos os momentos vivenciados dentro do conceito artístico que é apresentado. Retratar principalmente com elementos que referenciam o rosto e partes do corpo é pontuar de maneira objetiva seus pensamentos em relação ao momento do artista.

4 O TAMBOR DA CRIATIVIDADE: A NARRATIVA POÉTICA COMO FORMA DE REFLEXÃO

A escrita narrativa é uma forma de expressão sintética que envolve profundidade nas emoções e que abrange diferentes sentidos na sua forma de expor. Significa que a escrita é uma expressão que permeia áreas artísticas no meio contemporâneo, onde geralmente estão envolvidas em críticas sociais, pessoais, ambientais, etc.

A escrita é por natureza às vezes descritiva, poética e metafísica; dito de outra forma, ela descreve um objeto referencial, evoca as sensações provocadas por esse objeto numa sensibilidade e subsume esse objeto num conceito, resgata sua validade universal, seu sentido. (LEENHARDT, 2007, p. 106)

Geralmente surgem como reflexão particular, costumam ser objetos e características situados no ambiente em que o artista está envolvido. Isso retrata um pouco da dualidade sobre a cultura, pois a influência de determinadas expressões surgem de acordo com o âmbito visual. Em outras palavras, o direcionamento da narrativa poética pode ser influenciado coerentemente com a forma de pensar no qual o indivíduo está situado. Laraia (1997, p. 68) define: “O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais, são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura”.

Na contemporaneidade o significado das expressões ganha sentido de acordo com o posicionamento do autor. O âmbito de críticas acaba fazendo parte da composição na produção artística, a facilidade de interpretação através das palavras e imagens trazem uma interação ainda maior com o observador.

De maneira objetiva, a construção da narrativa poética geralmente envolve reflexão, assim como outras expressões artísticas no meio contemporâneo. A linguagem poética transpõe principalmente características únicas do sujeito, e atrai o público a conhecer ainda melhor as ligações entre a abordagem de escrita e como é exposta.

A reflexão é um dos componentes da sensibilidade indireta do autor, que retrata objetos que fazem parte do cotidiano ou de experiências vividas. Toda composição é feita de relações com cores, ambientes, técnicas, pedaços, cortes e partes da crítica interna em relação aos valores, que geralmente são direcionados

pela importância do artista. Canton (2009d, p.27) compreende que:

[...] o narrador seria igualmente a figura de um trapeiro, o catador de sucata, esse personagem das grandes cidades que recolhe os cacos, os restos, os detritos. Movido pela pobreza, mas também pelo desejo de não deixar nada se perder, nada ser esquecido, o narrador sucateiro não tem por alvo recolher grandes feitos: deve apanhar aquilo que é deixado de lado, como algo sem muita significação que parece nem importância nem sentido, algo com que a história oficial não sabe o que fazer.

Compreender este processo coloca o posicionamento sensível de como o artista assimila a linguagem artística literária em pontos que geralmente são ilustrados através de um olhar direcionado ao campo artístico.

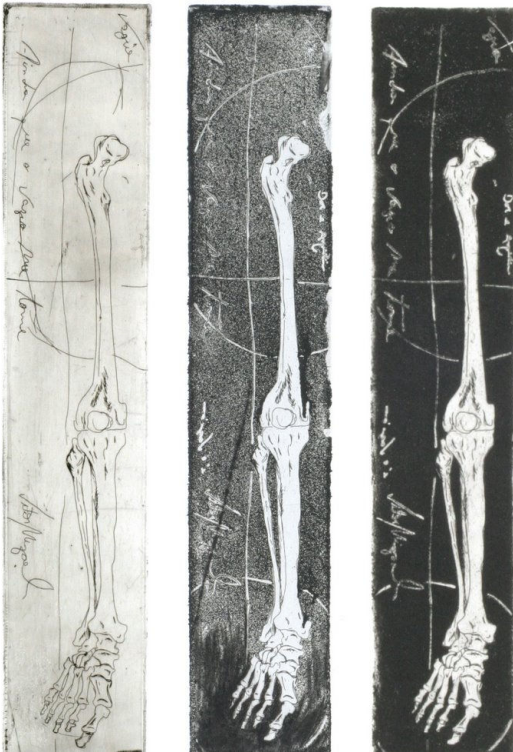
4.1 AS MÃOS DO TEMPO: ARTISTAS CONTEMPORÂNEOS E SUAS NARRATIVAS POÉTICAS

Apresentar um pouco das experiências nas escritas narrativas é como indagar sobre a necessidade de conhecermos um pouco mais das transgressões das palavras como expressão artística. Trago três artistas que participaram de uma entrevista com Kátia Canton, onde os mesmos mencionam de forma mais íntima o processo criativo.

Vitor Mizael (Figura 06) é profundo e seletivo na escrita, sua sensibilidade está expressa dentro do corpo. Imagens são criadas com base em órgãos que trazem a profundidade das emoções. Existe uma linha tênue entre os laços nas criações artísticas e a linguagem que remete à frustração. Segundo Mizael (apud CANTON, 2009c, p.47):

Penso no desenho das letras, na tipografia e no tamanho que vou escolher para compor as palavras nas obras. Quando uso Arial, por exemplo, quero valorizar as frases, quero que as pessoas as leiam. Há vezes em que escrevo com letra cursiva, com tamanho bem pequeno, de uma forma que não se pode ler claramente.

Figura 06. Autorretrato, 2014.



Fonte: [<http://braziliandrawsandpaints.blogspot.com.br/>]

Georgia Vilela (Figura 07) expressa as palavras com intuito de instigar o espectador a compreender a linguagem do som, e também como composição adicional dos objetos já presentes, mesmo que de forma objetiva. Vilela (apud CANTON, 2009c, p. 47) explica, "gosto de pensar no som que a palavra emite na mente de quem está vendo o trabalho. Mas ela também pode funcionar apenas como imagem que compõe os desenhos". Seu conceito artístico representa muitas proximidades com desenhos singularizados com perfil e traços simples.

Vânia Mignone (Figura 08) retrata a imagem e também características cotidianas presentes nos seres humanos de forma expressiva, ilustrando com palavras pequenos acontecimentos carregados de significado.

A minha preocupação é para que o trabalho seja muito pessoal. Quero que a obra mostre quem eu sou, de onde vim, de uma cidade pequena como Campinas, e o que está envolvido na minha formação. Ao mesmo tempo me agrada perceber que esse aspecto local, diante do observador, se expande e ganha um tom amplo. Sinto que meu trabalho conversa bem com as pessoas. (MIGNONE apud CANTON, 2009c, p. 53)

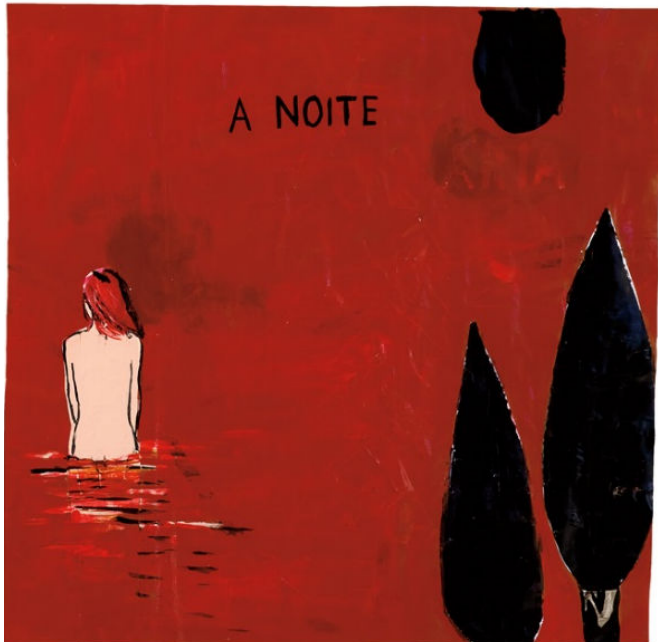
A artista traz pequenas ilustrações que representam o passado em algumas áreas artísticas e o presente como contemporâneo nas transformações que acompanharam o período moderno até o atual.

Figura 07. Comprometida para sempre, 2006.



Fonte: [<http://www.escolasaopaulo.org>]

Figura 08. A noite, 2008.



Fonte: [<http://www.mostrasescdeartes.com.br>]

5 O PESCADOR DE SONHOS: O PROCESSO DA OBRA

A produção artística é composta de alguns processos que envolvem características emocionais e racionais como parte da criação. As narrativas poéticas tiveram início no ano de 2014, repletas de reflexões sobre o presente e passado. A principal motivação nas escritas vem de conflitos internos e momentos prazerosos vivenciados no meio acadêmico e profissional. Os questionamentos em relação à forma que o mundo se compõe me motivaram a trazer palavras e narrativas, que nem sempre complementam sentido objetivo, e esse diálogo com o imaginário, como processo de transformação, trouxe escritas que já são superiores a noventa e duas (92) narrativas poéticas¹⁶, onde as mesmas traçam diferentes momentos da minha vida.

Em 2015 me encontro com a possibilidade de realizar a transgressão artística no sentido de expor essas escritas de uma forma ilustrada. Este processo envolveu uma pesquisa de campo com elementos que sugerem partes externas destas escritas: quatro participantes autorizaram o uso de sua imagem e escrita.

As narrativas poéticas são a base para toda a produção, com intuito de posicionar a minha característica artística dentro do meio acadêmico. Com base neste princípio, irei justificar este processo, onde o conteúdo inicial da obra está situado na escrita e após isso, remetido a um suporte fotográfico, o objeto e as relações de minha identidade artística. Salles (2009, p. 90) compreende o ato criador como:

[...] um contínuo processo de formalizar a matéria, com um determinado significado e de uma determinada maneira, no âmbito de um projeto estético e ético. Uma ação sensível e intelectual. Um processo que tende para a concretização desse grande projeto do artista [...]

A possibilidade de trazer as escritas narrativas em forma de produção surge em 2014, através de uma conversa com o Prof. Marcelo Feldhaus. Após esse momento alguns rascunhos e também possibilidades foram pensadas e refletidas. Dentre elas, a produção de um livro do artista, a escrita no corpo através de performance. A escolha do suporte, da forma e do conceito sempre estiveram presentes em meu processo de criação. Porém, foi dentro da disciplina de Projeto de

¹⁶ Todos os títulos contidos nessa pesquisa fazem parte também de títulos de narrativas escrita por mim, as mesmas usadas, encontram-se nos Apêndices, das páginas 60 a 73.

Pesquisa em Arte que vislumbrei retratar minhas narrativas, onde pude ler e experimentar um pouco mais sobre a filosofia de expressão corporal, detalhando um artigo sobre o Homem Vitruviano¹⁷, de Leonardo da Vinci. Encontrei assim a vontade de expressar algo sobre minha identidade e que envolvesse pessoas que estavam ligadas as escritas de uma maneira indireta e direta.

O processo se iniciou, primeiramente, por um convite formal feito a cada um, onde além de explicar sobre meu processo de criação, enquanto artista, colocava a forma como participariam da produção. Os quatro convidados receberam um arquivo com todas as narrativas (aproximadamente cem), de modo que assim pudessem escolher entre elas a que melhor os representaria. Com a escolha feita, um a um me enviaria uma pequena reflexão, de modo a esclarecer sua proximidade com elementos presentes na escrita. O convite acontece principalmente pela ligação de cada um dentro de minhas escritas, mas está representada também pelas suas características intelectuais e profissionais, como Kamila dentro da fotografia, Marcelo dentro da Performance e Intervenção, Jeferson com a Filosofia de escritas e estética e Kátia com a Sociologia. Canton (2009d, p. 67) afirma que:

Poderíamos considerar a arte como ferramenta importante na fabricação de uma multiplicidade de subjetividades, contanto que ela mantenha viva sua capacidade de afetar, que ela articule nossos pensamentos e expanda nossa potência de criar sentidos para o mundo.

O encontro dos quatro aconteceu no dia que foram feitas as fotografias. Para mim, era importante a proximidade da câmera com rosto, assim conseguiria captar o máximo de linhas e marcas de expressão particulares de cada um. Kamila me auxiliou no estúdio de fotografia da própria UNESC, com uma lente 50mm conseguimos em poucos minutos, fotografar rosto a rosto, e também registrar cada um ao meu lado.

Minha primeira ligação formal com artes se deu por intermédio da fotografia, de forma indireta, através da minha primeira experiência de trabalho, onde corrigia e retocava fotos de pessoas envolvendo cerimônias. Não muito distante disso a minha objetividade em retratar o rosto vem da minha dificuldade de

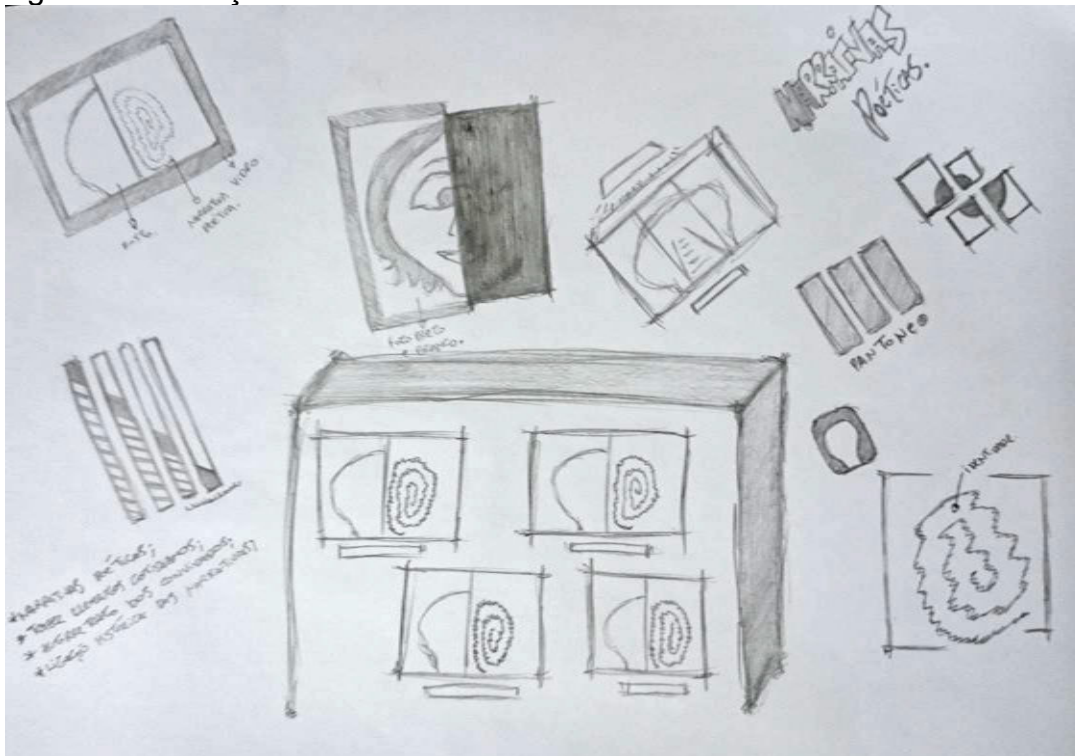
¹⁷O “Homem Vitruviano” é uma obra de 1490 e que foi primeiramente baseada numa obra mais antiga sobre arquitetura do famoso Vitruvius e que faz menção às proporções divinas perfeitas, portanto este homem seria o ideal humano; toda a obra tem proporções baseadas no número ‘phi’ (1,618) que os gregos difundiram. Disponível em: <http://academiadefilosofia.org/publicacoes/olhar-filosofico/o-homem-vitruviano-leonardo-da-vinci>. Acesso em: 25 de maio de 2015, às 11 horas.

aceitação com a própria aparência no período de adolescência, acreditando que a expressão facial é algo representado por momentos únicos na vida de cada indivíduo. Recuperar fotos antigas através de programas digitais me fez criar uma afinidade ainda maior pelo preto e branco e tom sépia. Flusser (2002, p. 39) compreende que:

As fotografias em preto-e-branco são a magia do pensamento teórico, conceitual, e é precisamente nisto que reside seu fascínio. Revelam a beleza do pensamento conceitual abstrato. Muitos fotógrafos preferem fotografar em preto-e-branco, porque tais fotografias mostram o verdadeiro significado dos símbolos fotográficos: o universo dos conceitos.

A edição foi minuciosa, apesar de poucos retoques na pele, o conceito principal era manter cada marca e cada história que ela poderia contar. A composição final da fotografia é dividida em três significados, metade do rosto, palavra e cor. A metade do rosto intercala o significado da identidade como forma de representação da escrita poética. A cor, na outra metade, é o significado artístico de cada indivíduo dentro do meio contemporâneo, e como identificamos essas expressões através de pequenos vínculos.

Figura 09. Esboço.



Fonte: Acervo do Pesquisador.

Figura 10. Tabela Pantone.



Fonte: [<https://caderninhodeideias.files.wordpress.com/>]

Este círculo de cores evidencia alguns pontos sobre a minha expressão artística: as narrativas poéticas são abstratas e subjetivas, mas sempre carregam cores de forma indireta. Estabeleço aí a ligação com meu trabalho, onde lido com as cores da Escala Pantone¹⁸, que também mostram minha ligação com os lápis coloridos de infância. Freitas (2007, p. 01) afirma: "É tamanha a expressividade das cores que ela se torna um transmissor de ideias, tão poderoso que ultrapassa fronteiras espaciais e temporais. Não tem barreiras nacionais e sua mensagem pode ser compreendida até por analfabetos".

A quinzena seguinte representaria o tempo de confecção, da revelação das fotos ao envio e confecção na vidraçaria. As fotos em tamanho 40cm x 60cm, e o vidro respectivamente em 50cm x 70cm, com 3mm de espessura. Não optar por uma moldura, apenas por vidro com acabamentos discretos, compreende minha visão estética.

¹⁸Em 1963, Lawrence Herbert, fundador da PANTONE®, criou um sistema inovador de identificação, combinação e comunicação de cores para resolver problemas associados com produção precisa de combinações de cores na comunidade de artes gráficas. Sua visão de que o espectro de cores é visto e interpretado diferentemente por cada indivíduo conduziu à invenção do PANTONE MATCHING SYSTEM, um manual de cores padrão em formato de leque ou chip. Fonte: <http://www.pantonebr.com.br/quem%20somos.html>

Sempre trabalhei com criações muito limpas em questão de elementos, não queria prejudicar a interpretação do espectador ou poluir a produção. Como parte de mim, a produção representa o que acredito como estética.

Figura 11. A sociologia da compreensão.



Fonte: Acervo do pesquisador.

Figura 12. A performance da emoção.



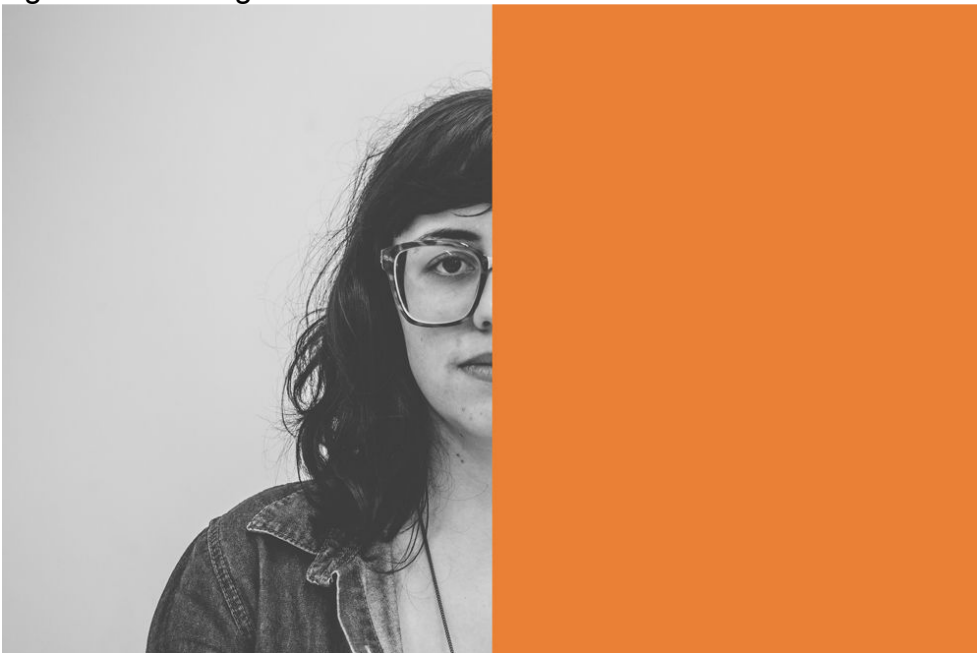
Fonte: Acervo do pesquisador.

Figura 13. A filosofia da razão.



Fonte: Acervo do pesquisador.

Figura 14. A fotografia da sensibilidade.



Fonte: Acervo do pesquisador.

O vidro refere-se à sensibilidade e transparência dentro das minhas vivências no mundo, além de representar parte da minha forma de sentir as pessoas, pois acredito que de uma maneira expressiva que pessoas são carregadas de emoções transparentes aos olhos. Carrego uma cicatriz localizada na mão direita que foi feita por um acidente envolvendo vidro, isso me fez ter o primeiro contato aberto com uma parte interna do meu corpo.

Em toda prática criadora há fios condutores relacionados à produção de uma obra específica que, por sua vez, atam a obra daquele criador, como 26 um todo. São princípios envoltos pela aura da singularidade do artista; estamos, portanto, no campo da unicidade cada indivíduo. São gostos e crenças que regem o seu modo de ação: um projeto pessoal, singular e único. (SALLES, 2009, p. 41).

Figura 15. Processo escrita no vidro.



Fonte: Acervo do pesquisador.

A caneta esferográfica retoma toda a minha paixão de criança, sobre pintar e desenhar. Durante o colegial adorava andar com estojos de lápis e canetinhas, sempre buscando expor um pouco do meu cotidiano através de simples desenhos.

As palavras representam o interior de cada indivíduo e um pouco da sua história. Cada participante dialogou com a obra de acordo com seus traços e caligrafia para que cada expressão tivesse um formato singular e carregasse um pouco da personalidade e proximidade com a narrativa escolhida. Hall (2005, p. 12) explica: “o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável,

está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mais de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”.

A escrita ondulada remete à identidade, que é encontrada no formato dos dedos. Também corresponde ao infinito, que abre portas para interpretação de onde estamos situados dentro da sociedade contemporânea.

5.1 OS SONS DA LIBERDADE: A ESCOLHA DOS PARTICIPANTES

Apresentarei cada participante detalhadamente, como forma de expor seu significado em minhas poéticas e vida, e em uma fotografia, acompanhado por mim e uma cor, que é muito presente em minha produção.

Início com o convite realizado para minha mãe, Kátia Mara Batista (Figura 16), parte das percepções passadas e convivências internas, sendo assim, fundamental em toda história e detalhes ambientados nas minhas poéticas, já que as mesmas são compostas de experiências do passado e presente.

Uma série de acontecimentos definem minha mãe como figura importante na formação criativa e crítica em boa parte da minha vida. Seus traços afetivos correspondem às cores presentes em cada linha de escrita e em cada volume autêntico da minha personalidade traçada no meio acadêmico. Essas vivências e convivências trouxeram razões para seguir o meu caminho nas Artes Visuais, onde meu lado sensível se desenvolveu ainda mais. A crítica é a parte essencial da minha personalidade, e sempre seguiu suas raízes, indiferente dos porquês minha realidade é composta de uma narração sublime de acontecimentos familiares.

As incompreensões do mundo seguiram esse caminho, deixadas de mãe para filho. Saber e tentar compreender cada ponto sobre a vida é uma necessidade tão presente no meu dia a dia quanto o sol sobre o horizonte. Dentre todas as experiências vividas, posso afirmar que através de felicidades e tristezas contínuas, ela me preparou para os momentos brilhantes da vida. Incentivou-me a conquistar as pequenas coisas da vida, e ter paciência para conquistar as grandes.

Figura 16. Kátia Mara Batista.



Fonte: Acervo do pesquisador.

Da criança até o mundo adulto, sua maneira de me educar foi através da liberdade, pois sempre foi fundamental para ela passar a realidade do mundo. Experiências são melhores que bens materiais, elas permanecem; e definem o grau de sabedoria das pessoas. Tendo como base estes aprendizados, que aparentemente são simples, minha escolha de contemplar algumas pessoas que fizeram parte da minha vida no processo poético se torna objetiva.

Minha visão artística é que sua cor é representada pelo roxo, pois a influência dessa caracterização ilustra sua essência no mundo espiritual e também sabedoria plena de acontecimentos que só podem ser explicados com a ligação de energia de cada indivíduo. Sua ligação com a sociologia intensifica a necessidade de transgredir às ideias e formas de compreender e interpretar as pessoas e o mundo. Sua identificação com a poética "O Alquimista do Tempo"¹⁹, nas palavras de Kátia como: *"A escolha desta poética dentre as várias do autor, deu-se por ter sido a*

¹⁹ Narrativa poética "O Alquimista do Tempo", ano 2014 – Autor: João Batista – APÊNDICE C.

que mais inspirou a reflexão e os entendimentos sobre 'os tempos de vida' que os seres humanos experimentam ao longo de sua existência. Tempo cronológico e de vivência social, pela qual cada indivíduo diferentemente experimenta e compreende sobre si mesmo por meio de seus vínculos e relações sociais, suas realidades vividas. Tempos de mudanças de pensamentos, de sentimentos e de atitudes diante dos desafios do viver. Tempos de modificações e acomodações dos valores filosóficos e das experimentações da trajetória humana. Assim, a escolha dessa poética foi realizada por ter suscitado a reflexão sociológica e aos pensamentos sobre a alquimia produzida nos seres humanos advindas de suas experiências vivenciadas. Meus agradecimentos ao autor pela oportunidade de participação no trabalho de escolha de uma de suas obras, que mais me trouxesse uma condição significativa. O significado surgiu porque essa poética proporcionou o pensar sobre os desafios humanos no espaço e no tempo, suas compreensões sobre a realidade social e os seus sentimentos sobre si mesmos."

Como parte do processo criativo, meu orientador, professor e amigo, Marcelo Feldhaus (Figura 17), surge através de uma aproximação gerada no decorrer dos estudos realizados no curso de Artes Visuais - Bacharelado. Tendo como princípio me ensinar a cultivar os bons momentos e entender melhor as expressões corporais dentro de mim. Não que seja fácil, mas dentre todas possíveis experiências, Marcelo acaba marcando minha vida em um arco de acontecimentos bastante restritos. Mesmo que por momentos sensíveis a ruptura de pensamentos fosse presente, nossa maneira de contemplar certos pontos da vida se assemelham ao transparente.

De forma autêntica e sincera, me ensinou que alguns momentos precisam ser mais bem planejados, para que se tornem ainda melhores. Ser participativo na vida das pessoas requer tempo, dedicação e paciência. E que a melhor forma de se tornar artista é ver o mundo de dentro para fora, e vice e versa. No caminho da vida, não importa muito bem para onde estamos indo, mas saber que estamos indo para algum lugar. E esse lugar trará toda a experiência do caminho percorrido.

Figura 17. Marcelo Feldhaus.



Fonte: Acervo do pesquisador.

Parte de mim dentro do curso é representada por corpo, experiência e vivência, assim é possível conceituar em curtas palavras que performance, fotografia e narrativa, em quatro anos e meio vivenciando o estudos acadêmicos, me inclinaram a admirar algumas pessoas, e o Feldhaus está incluso. O motivo autêntico da escolha está na representação dos rostos e trabalho realizado com corpos inclusos em minhas poéticas.

Seu acesso às narrativas se fez presente logo no início, onde também participou de momentos simbólicos e sensíveis da minha vida acadêmica e pessoal. O interesse em compartilhar suas visões de como transgredir a linguagem poética do papel até a obra de arte se fez desde 2014. Neste ano procuramos expor as emoções do interno até o externo, com volume e ilustração das possíveis interpretações de uma obra composta de experiências.

Minha visão criativa é que sua cor é representada pelo verde, com princípios de plenitude e harmonia. Sorrir contempla o formato do novo e da vida, e identificação interdisciplinar entre o mundo externo e interno. Suas energias se

assemelham às plantas e árvores, que são a maior iconografia abstrata da cor da sua essência. Sua identificação com a poética “O Talvez do Príncipe”²⁰, se justifica nos pensamentos de Marcelo como: *“A minha escolha por esta narrativa se dá em função de não almejar lutar contra o vento, pois a ternura está no suportar. Muitas vezes somos acometidos por ventos tempestuosos que fazem nossa estrutura estremecer. No movimento cíclico da vida precisamos de flexibilidade, serenidade e perseverança para lidar com os momentos difíceis. João ao propor essa poética me faz realizar um exercício de observação interior, um encontro com meus sentimentos e pensamentos. Um encontro com meu “eu”. Acredito fielmente que os pássaros carregam consigo o sorriso do sol e o abraço de boa noite. Precisamos encontrar ternura e afeto nas nossas relações. Olhar nos olhos, dizer: bom dia, eu te amo, você consegue, vá em frente... Cada vez mais as relações humanas necessitam de sensibilidade, escuta e confiança. Somos responsáveis pelo que construímos, por nossas escolhas, nossos sonhos. Os textos de João provocam este encontro poético entre o autor e leitor e tocam no coração. Seu exercício de escrita é um “vomitar” de palavras que sobretudo refletem sua identidade, sua história. Após as leituras das mais de 90 narrativas hoje, 25 de maio de 2015, sou tocado pelo “Talvez do Príncipe” que se personifica em meu estado de espírito.”*

Como parte da colaboração e identificação filosófica dentro do campo das Artes, Jeferson Azeredo (Figura 18), é meu orientador de projetos de pesquisa e extensão, professor e amigo que considero como irmão, cultivou as melhores palavras dentro de mim e intensificou minhas emoções internas em forma de escrita. Entender o mundo das palavras é algo tão essencial quanto a visão dos objetos mais simples perante nós. Acho que toda história é filosófica se partimos do lado em que tudo é parte de um pequeno detalhe que compõe a vida de todas pessoas que a fazem. Uma aula de filosofia, um pensamento sobre Nietzsche, e uma verdade sobre como incentivar e cultivar uma amizade com conversas feitas sobre o mundo acadêmico e pessoal.

Azeredo contextualizou toda minha forma crítica de ver o mundo artístico. Foi responsável fundamental por abrir meus olhos perante a arte contemporânea e entender que todo o universo artístico é composto de vertentes que permeiam outras linguagens, como a Filosofia e a História. A dureza de compreender determinadas

¹¹ Narrativa poética "O Talvez do Príncipe", ano 2014 – Autor: João Batista – APÊNDICE D.

verdades foi essencial para mim desde cedo com a nossa amizade. O acesso às narrativas surgiu logo no início, onde o mesmo pontuou algumas ressalvas e sempre incentivou para que minhas escritas detalhassem ainda mais minhas experiências de vida – tornando-as ainda mais particulares.

Figura 18. Jeferson Azeredo.



Fonte: Acervo do pesquisador.

A importância de ver o mundo de forma racional marcou também uma característica profunda em como ser objetivo e transparente com certos acontecimentos. Remetendo-me a escolha artística que envolve o vidro e a expressão serena de cada pessoa presente nas quatro obras abordadas. Como acentuo de forma objetiva, a identidade de cada indivíduo é um reflexo dos cafés e chás compartilhados através de ideias que poderiam enfatizar nossa importância dentro do mundo filosófico e artístico, no qual os mesmos foram transmitidos com olhar profundo frente a acontecimentos internos que marcaram minha vida.

Minha visão subjetiva é que sua cor é representada pelo azul, que retrata a importância da racionalidade e reflexão em relação a fatos divergentes e abstratos da vida.

Entender as emoções pode servir de novos princípios de vida, e sempre é possível ter acesso a sabedoria de outras pessoas através de palavras, sejam elas autênticas ou menos sinceras, tudo é compartilhado por parte de nós.

Sua identificação com a poética "O Chá de Maracujá"²¹ se coloca através da reflexão nas palavras de Jefferson: *"Se numa xícara se pode ter um momento de paz, de bolhas de preocupação a uma tranquilidade, os objetos são insignificantes. Só homens maduros, só pessoas de bem, só os espíritos livres e que precisam caminhar, continuar sempre a caminhar, podem ver isto. O sono é o sinal dos cansados, cansados do trabalho que edificou, cansados do estudo que os fez crescer e caminhar, cansados de lutar pela vida, e isto não é a própria vida? Me vejo aqui, igualmente cansado, igualmente com vida, igualmente em paz. Que sono. Ótima leitura, este texto não tem nada de novo, só a verdade, e a verdade só foi lembrada, do interior, do eu que só lembro, partes, deste texto. Vou ler novamente. Quero ler novamente. Quero dormir"*.

O último convite realizado e não menos importante, Kamila Soratto da Silva (Figura 19), minha namorada, caloura, amiga e companheira diária, que cultivou as lembranças de um passado feito de olhares nos corredores dentro do meio acadêmico e que me incentivou a ver o mundo como uma lembrança fotográfica de momentos únicos e memoráveis.

A nossa história começa em 2009, e talvez até em outros momentos nas linhas do universo, pois a ligação poética, afetiva, sincera e objetiva tem uma linguagem formal do quanto o passado é ligado ao presente, e de como o futuro é o inesperado nessas ligações. Intensificar os momentos é como vivê-los duas vezes, e é sobre isso que pretendo enfatizar.

Retratar a vida em forma de fotografia é como narrar todos os acontecimentos sobre uma linguagem ainda mais universal, o olhar. E essa fonte de detalhes nos aproximou de forma inconsciente em diversas ocasiões, que se passou por consciente no ano de 2014. Caminhar e retratar como a linha tênue é autêntica e sincera, nossa história é semelhante, como pontos ligando pequenas estrelas no

²¹ Narrativa poética "O Chá de Maracujá", ano 2014 – Autor: João Batista – APÊNDICE E.

céu. Kamila revelou minha paixão inconsciente pela fotografia, e o quanto cada momento é parte fundamental das cores que compõem partes da vida. Sensibilidade de compreender o que ocorre no exterior, pois o retrato de cada momento é o que expressamos; e interior o que somos define o que expressamos e sentimos.

Figura 19. Kamila Soratto.



Fonte: Acervo do pesquisador.

Percorrer sobre a ponte do destino é como dançar valsa em um dia chuvoso, pois todos os acontecimentos são recheados de surpresas agradáveis. A vida é uma composição fotográfica de cada momento; e apaixonar-se pelo passado é uma forma de vivenciar o presente, e retratar todas indiferenças de um futuro cheio de harmonia e novos ideais.

Em curtíssimas palavras, Kamila é parte memorável e importante em cada detalhe das minhas narrativas, ela fez todo contorno da composição dos momentos posteriores às escritas iniciais. Retratar uma obra de arte com fotografia é uma experiência tão nova, que nada disso seria possível sem uma visão tão autêntica e sincera do mundo. A fragilidade do mundo é expressa em preto e branco, onde a

divergência de acontecimentos rígidos e reflexivos geraram a necessidade de pincelarmos a vida da cor que desejamos.

Minha visão emocional é que sua cor é representada pelo laranja, pois a cor das emoções é composta da mesma tonalidade do sol ao amanhecer, e estas emoções são partes notáveis do que construímos no dia a dia. Amar os indefesos e animais é a maneira mais sincera de viver a vida, viver todos os acontecimentos delicados do mundo.

Sua identificação com a poética "O Senhor do Tempo"²² assim se faz: *"Dizem que carregamos muitos pedaços das nossas vivências no profundo de um olhar, gosto desse retratar do universo e estrelas que se torna cada vez mais presente em mim. Sempre tive, e tenho (agora com um pouco mais de paz), questionamentos internos, e sobre a vida. Mantive por muito tempo uma caminhada tumultuada, e defensiva, sobre pessoas e acontecimentos. Hoje, depois de muitas transformações, que se iniciaram em abril de 2014, procuro carregar um olhar mais sereno e sensível. Alimentando em meus passos, sonhos guardados e uma porção de estrelas. Acredito que esse texto faça parte de meu ontem e do meu agora."*

Cada entrevistado contribuiu de forma autêntica e expressiva, teve influência no início e meio, tanto das escritas como processo de criação. Conduziram ideias e participações essenciais para elaboração das narrativas.

²² Narrativa poética "O Senhor do Tempo", ano 2014 – Autor: João Batista – APÊNDICE F.

6 O SOFÁ DAS RESPOSTAS: CONCLUSÃO

As narrativas poéticas representam o meu universo artístico como forma de interpretação e expressão. Caracteriza o processo de criatividade perante todos os momentos que são flexíveis e enriquecidos com o calor dos sentimentos vividos no meio acadêmico. O início da proposta desta pesquisa consistiu em transgredir as possibilidades literárias da folha de papel até a construção da produção artística.

A mistura dos elementos que surgiram no decorrer da pesquisa continuaram convergindo e se tornando as bases da criatividade até o momento da produção, pois o maior desafio foi transpor as ideias de forma tão sensível quanto as escritas e lidar com todas as vertentes e novas possibilidades no decorrer das ideias, trouxe um horizonte recheado de pensamentos que permeiam coisas que ainda são incompreensíveis para mim.

Através das reflexões e leituras de Canton (2009) pude acreditar que as narrativas poéticas são fundamentais para a criação de novas possibilidades artísticas, pois as palavras são formas de comunicação que desenham a imaginação, tanto do artista como do observador, constituindo-se em novas imagens.

No meio destes contextos, procurei relacionar todos os processos ligados à obra com o próprio “eu”. A semelhança das características presentes nas quatro obras relata um pouco da sensibilidade através dos vidros, da expressão através das fotografias, do olhar crítico através das linhas, da emoção através das cores e dos traços dos participantes, como concepção de mistura de elementos nas narrativas poéticas.

Quando trago a problemática como forma de indagação: quais as relações entre a palavra, imagem e identidade na perspectiva de utilização da poesia enquanto objeto de arte em uma produção contemporânea? Abro diálogo com alguns campos artísticos vivenciados, que retratam de forma indireta o significado da palavra como forma de linguagem e questionamento.

A arte contemporânea está habituada a vivenciar aspectos cognitivos da imagem como identidade e utilizar palavras como base de justificativa. A proposta das narrativas poéticas é poetizar um processo que de fato se reflita em uma escrita inicial que condiz com a identidade e imagem na produção de arte.

Entre as questões norteadoras da pesquisa, se encontra: quais são as formas de expressão dentro das narrativas poéticas? Que trouxe a reflexão que o suporte utilizado para experimentar e expressar as obras artísticas são diversos, e dependem muito de como o artista personifica a palavra ou retrata suas experiências. Contudo, foi possível perceber que a relação entre as expressões artísticas e as narrativas poéticas são próximas, pois o processo contemporâneo é baseado na pesquisa e questionamento crítico, as narrativas poéticas nascem através das palavras e se concretizam em objeto.

No decorrer da pesquisa, uma das maiores dúvidas era sobre pontos que iriam delinear toda a forma da produção artística, que se deu em base nesse questionamento: quais barreiras e rompimentos serão necessários para compreensão de uma nova forma de receber as narrativas poéticas? Com isso, busquei compreender a reação do público ao ler minhas narrativas poéticas, e de que forma eu conseguiria transparecer isso em imagem e identidade, sem perder a essência da minha personalidade na expressão. Era importante que as obras carregassem a multiplicidade da narrativa poética, pois a interpretação se fazia de forma diversa a cada identidade que estava a presenciar as leituras.

A base da ideia teve como referência o questionamento feito sobre as transformações históricas das narrativas poéticas e sua forma de interpretá-las, como diferentes formas artísticas, do modernismo ao meio contemporâneo, lidaram com as expressões relacionadas a palavra, imagem e identidade, e compreender a preocupação estética dos materiais que estariam sendo apresentados e interpretados.

A reflexão sobre como o processo poderia envolver sentimentos externos com outras pessoas, e internos do artista, se revelou no questionamento: Quais são as reflexões necessárias para transgressão da forma poética, até a forma de objeto em linguagem artística? Que, para mim, trouxe o sentimento de que a cultura de vida de cada pessoa traz uma concepção diferente de interpretação para cada objeto e elaboração artística. Por intermédio destas questões, uma reflexão entre as narrativas permaneceu: somos seres compostos de palavras, onde interpretamos o mundo com imagens, e buscamos o sentido de identidade através de explicações que permeiam um enredado de novas palavras.

REFERÊNCIAS

CANTON, Katia. **Espelho de artista: auto-retrato**. 3 ed. São Paulo: cosac e naif, 2004.

_____, Katia. **Da política às micropolíticas**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009a.

_____, Katia. **Do moderno ao contemporâneo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009b

_____, Katia. **Narrativas enviesadas**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009c.

_____, Katia. **Tempo e memória**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009d.

CHIARELLI, Tadeu. **Identidade/ não-identidade: a fotografia brasileira hoje**. In: Arte Internacional brasileira. São Paulo: Lemos-Editorial, 1999.

COTTON, Charlotte. **A fotografia como arte contemporânea**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FLUSSER Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro – RJ: Editora Relume Dumará, 2002.

FREITAS, Ana Karina Miranda de. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. NUCOM, ano 4, n. 12, outubro-dezembro, 2007. Disponível em: <http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Cor/psicodinamica_das_cores_em_comunicacao.pdf>. Acesso em: 25 de maio. 2015

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10.ed Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 11. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LEENHARDT, Jacques. **Critica de arte e cultura no mundo contemporâneo**. In: PINHEIRO, Alcinda de Sousa et al. (Org.). **A palavra e a imagem**. Lisboa: Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa, 2007.

LEITE, Maria Isabel. **Educação e as Linguagens Artístico-Culturais: Processos de Apropriação/Fruição e de Produção/Criação**. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine. **Educação e Arte: As Linguagens Artísticas na Formação Humana**. Campinas: Papirus, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. 4. ed. São Paulo: Annablume, 2009.

SMITH, Roberta. Arte Conceitual. In: STANGOS, Nikos (org.) **Conceitos da arte moderna**: com 123 ilustrações. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

VIEIRA, André Guirland. Do Conceito de Estrutura Narrativa à sua Crítica. **Psicologia, Reflexão, Crítica**. Porto Alegre , v. 14, n. 3, p. 599-608, 2001 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722001000300015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 abr. 2015.

VYGOTSKY, Lev S. **La Imaginación y el arte en la infancia**. 6.ed. Madrid: Ediciones Akal, 2003.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte**: um paralelo entre arte e ciência. Campinas: Autores Associados, 2006

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Estamos realizando uma pesquisa referente ao projeto intitulado

_____.

O (a) senhor (a) _____, documento número _____, foi plenamente esclarecido (a) de que participando deste projeto integrará um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos refletir sobre as formas de transgressão entre a escrita narrativa e o formato artístico do objeto dentro do período contemporâneo.

Mesmo aceitando participar do estudo, poderá desistir a qualquer momento, bastando para isso informar sua decisão aos responsáveis. Fica esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro, o (a) senhor (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela, podendo o (a) senhor (a) solicitar informações durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

A coleta de dados será realizada pelo acadêmico João Batista da 8ª fase da Graduação de Artes Visuais – Bacharelado, da UNESC e orientado pelo professor Marcelo Feldhaus.

Criciúma (SC) _____ de maio de 2015.

Assinatura do Participante

APÊNDICE B – O GAROTO DOS CÉUS

Quando era pequeno, meu sonho era ser piloto de caça. Alcançar os céus sempre foi o maior sonho de uma vida carregada de abstratas emoções. Realidade transformada em pinceladas firmadas por artistas que encontraram a insanidade logo cedo. Ser diferente era o mais igual que eu poderia ser perante todos aqueles olhares firmes de desconfiança na sociedade puramente corrupta e cheia de limitações. Entendo que, ou você vem para o mundo para ser piloto ou será eternamente passageiro. E ser passageiro, é quase como viver dentro daquilo que você aponta chamando de aquário.

Dizem que sou muito bom no que faço, transformo uma sala branca em cores quentes e frias, e o ambiente se torna quase como um palco de criatividade sem o palhaço sorridente. Questionar sempre foi um dilema conceitual na minha vida, não que abordar uma crítica tão coerente me trouxesse paz, mas que muitas vezes a razão me fazia acreditar em algo melhor. Minha melhor amiga, a frustração, sempre sentava ao meu lado para contribuir a algum assunto pendente na minha consciência. E bem, ela não gostava de sorrisos, e aceitava somente o olhar frio a quem se aproximava. Quando o manto da noite cobria os sonhos daqueles que já tinham perdido a esperança, eu escrevia o retrato de um dia inconstante e cheio de contrastes sombrios. O tempo onde segurar uma bola me trazia o sorriso e a companhia de um pai inexistente. O tempo do patinar e vivenciar o vento de forma inesquecível. O tempo de mergulhar no mar e sentir a pressão dos punhos de poseidon. O tempo de viajar em um mundo virtual carregado de personagens que simulavam o impossível dentro do possível. O tempo de ter pesadelos com a matemática, química e física, que constantemente me impediam de ser livre das razões criadas para humanidade. O tempo dos grandes amores, mas esse a gente deixa para outra hora, não merece destaque na página principal.

E é que bem, chega um momento da sua vida que você começa compreender tão bem certas coisas que tudo se transforma em variáveis tão simples quanto uma conta acompanhada da tabuada no lápis. Acreditava que carregar a mochila era temporário, mas vejo que será eterno para aqueles que acreditam em um mundo consciente e diferente. Não poderia esquecer desse refrão. Já morei em tantas casas que não me lembro mais, mas hoje moro com uma gata siamesa. De bares cheios à conversas vazias, o tempo criou o que consideramos maturidade. Não tenho dúvidas que possuo os sonhos do mundo, mas por enquanto essa pequena cidade traça o que chamamos de acordar. A despedida chega junto com o sol já está levantando, e todas responsabilidades possuem a insônia da lua sobre a noite.

— *João Batista. 09 de Maio, 2014.*

APÊNDICE C – O ALQUIMISTA DO TEMPO

Olhe, garoto. A equivalência dos seus sentimentos está intimamente ligada com as raízes e linhas do universo. Isso significa que sua felicidade sempre estará em uma balança equilibrada com a tristeza em todos momentos do seu caminhar na vida. Não se assuste, as trocas sempre serão em medidas exatas feitas pelos quatro guardiões do seu consciente, que são orientados por caminhos distintos.

Observe. Aqueles pequenos pontos brancos na noite dos céus indicam cada transformação dentro da superfície da lua, o que significa que seus sentimentos estão ligados a cada círculo aqui na terra. Encontre a direção das suas emoções seguindo as estrelas, e cada passo, significará um passado de lembranças, presente ardente e futuro inesperado.

Caminhe. O sul demonstrará a frieza das gélidas formas do mar. O frio será seu medo. O norte demonstrará o calor insuportável do deserto. O calor será seu medo. O leste demonstrará os ventos cortantes da natureza. O pavor será seu medo. O oeste demonstrará a escuridão das trevas dentro da caverna sem fim. A solidão será seu medo.

Disse o garoto. Ao atravessar a ponte, usarei o frio para congelar minhas emoções e suportar a dor da solidão. O calor aquecerá minha coragem para vencer o pavor. E bem, minhas lágrimas irão cair sobre meu cachecol vermelho para mostrar a todos que das cinzas não nasce somente a fênix, e sim, um novo amanhã.

— *João Batista. 08 de Abril, 2014.*

APÊNDICE D – O TALVEZ DO PRÍNCIPE

Se tu vens no momento que te espero, desde agora estarei feliz. Que estejas com os olhos abertos, pois o caminhar do amanhã é como uma folha vermelha sobre o lago cheio de sangue. E estarás pronto para os ruídos dos lobos nas montanhas, pois a verdade enlouquece a consciência dos que choram sobre a chuva da madrugada.

Não lutarás contra o vento, pois a ternura está no suportar. Chegarás no abismo marcado por estranhos que acreditavas serem seus amigos. Enxergarás o bem com as emoções, pois o essencial é invisível com palavras.

Te tornarás eternamente responsável por aquilo que construirás, mas sofrerás, ao ponto de pareceres morto para aqueles e aquelas que um dia te aceitaram. Não permitirás ser apenas uma casca velha, pois os pássaros carregam consigo o sorriso do sol e abraço de boa noite da lua.

— *João Batista. 21 de Maio, 2014.*

APÊNDICE E – O CHÁ DE MARACUJÁ

Aquelas bolhas demonstravam o calor da preocupação, que levemente era adicionada a xícara com o suave aroma de tintas quentes sobre a tela branca. Aquela paisagem significava o campo aberto com pequenos buracos feitos por conturbados momentos passados.

A posição da cadeira não importava, pois os valores da vida não a perguntavam sobre como superar e lidar com as constantes angústias geradas pelos raios solares que despejavam vozes para medir seu curto tempo nessa dimensão.

Ao segurar aquele ondulado objeto, a revolta dos mares na consciência se transformava em uma lagoa coberta de amistosos sons de tranquilidade. Era hora do merecido descanso perante o devastador peso do mundo em suas costas. Olhou para lua, disse adeus aos ventos e mergulhou em sono profundo.

— *João Batista. 05 de Abril, 2014.*

APÊNDICE F – O SENHOR DO TEMPO

É o profundo olhar do universo com as cores neutras das estrelas, sobre o escuro dos cabelos da jovem que buscava entender a vida. Está é a história daquela que caminhava entre o tumulto das pessoas e carregava a ansiedade do tempo. Não pensar em todos aqueles acontecimentos marcantes era impossível. O som da chuva transformava a noite no álbum cheio de lembranças.

O tempo batia na porta afirmando que o caminho seguinte seria o passo das nuvens entre o céu. O rapaz se ajoelhava ao lembrar do passado. Segurar a mochila mais uma vez e avisar ao presente que todos sonhos estão bem guardados entre o tecido e zíper. O futuro era apenas uma miragem que ganhava diferentes traços no meio do asfalto coberto pela fina e molhada camada de tristeza.

Ei, senhor, olhe nos meus olhos e diga que tudo aquilo valeu a pena. O questionamento solto acompanhava o laranja do sol sobre a fúria cinza da tempestade que se aproximava. Ei, garota, tudo isso não se trata exatamente de valer, e sim, viver. Seus passos sumiram nas sombras dos que acreditam, trazendo coragem aos perdidos. Porque isso tudo não se tratava apenas de sentir, e sim, de viver.

— *João Batista. 30 de Abril, 2014.*

APÊNDICE G – ERA TALVEZ UMA VEZ

Com mãos nos bolsos, o reflexo do sol aquecia todos pensamentos do tortuoso inverno. A lua estava sorrindo e acompanhada das estrelas que indicavam o caminho para todos aqueles que carregavam papelões na rua. O acudo do cachorro espantava a tristeza da rotina, o caos da plenitude e o ódio do amor.

Folhas secas na calçada, e o movimento repentino das luzes traziam as suaves lembranças melancólicas do passado. Cochichos carregados de mistérios, junto à certeza de novas formas de compreender o que conhecemos como emoções. O canto do coral estava sincronizado com as verdadeiras gotas de sangue, que representavam a superação dos dias oprimidos pelos sonhos que despencavam como estrelas do roxo universo.

As dúvidas estavam em estado de motivação, no contorno dos tecidos traçados que ganhavam vida com cores que tudo diziam. A caminhada na úmida estrada acompanhada de arbustos chegará ao fim, tendo sempre consciência de que era uma vez poderia ser talvez uma vez ou apenas uma vez.

— *João Batista. 06 de Maio, 2014.*

APÊNDICE H – A BÚSSOLA DO TEMPO

Com os braços apoiados sobre sua nuca, aquele jovem caminhava em direção ao brilho do horizonte com aquele pequeno capim na boca, assovios constantes e buscando se envolver com toda intensa energia desprovida de acontecimentos tortuosos da natureza em sua vida.

Suas botas demonstravam marcas das constantes mudanças dos diferentes terrenos pisados; angústias, tristezas, depressões, pressões, decepções, alucinações e cansaços. O conjunto demonstrava sua ligação enigmática com o destino do universo, sobre circunstâncias em que uma gota d'água se tornava um turbilhão de sangue no campo colorido por flores.

Eram marcas deixadas pelo tempo e centralizadas no âmbito de querer viver o insuperável, botas desgastadas e um alegre olhar na linha do horizonte consumido pela perseverança de que dias incríveis e inesquecíveis estavam por vir.

— *João Batista. 31 de Março, 2014.*

APÊNDICE I – A ESTRADA DO TRÊS

Os faróis amarelos sobre a neblina acentuavam o frio das constantes mudanças daquele momento, que arranhavam os finos ponteiros do relógio sobre a clareza da lareira ao amanhecer. A queima dos galhos imortalizava a existência do imutável dentro do abismo no paralelo entre o passado e futuro. O presente deixou a última gota de lágrima sobre o pilar da vida.

Todos os momentos estavam sendo desenhados pelas luzes da escuridão sobre os rastros molhados na estrada do desconhecido. A placa indicava três caminhos distintos; lembrança, esquecimento e superação. Eis que a lembrança carregava todos momentos únicos que deviam ser entregues ao esquecimento para que a superação levantasse o pó de todas folhas amarelas do tempo.

Talvez o caminho não definisse a exatidão da insanidade criada por uma consciência perdida no labirinto cheio de pontos coloridos em uma casca de vidro no oásis do deserto. Só a de viver o que foi compartilhado com sinceridade, e precisará ser contemplado pelos extremos de um coração carregado de sentimentos que jamais irá sumir dos tremores do corpo.

— *João Batista. 14 de Abril, 2014.*

APÊNDICE J – O ESPELHO DA CONSCIÊNCIA

O branco gélido da consciência se mostrava o lugar perfeito para pescar sonhos. Chegar a verdade era como jogar o anzol em mágoas, esperando o profundo se alimentar dos conflitos entendidos por longas reflexões. Nas curvas dos lençóis sobre o oceano, a possibilidade de abrir uma porta dentro de si e deixar o corvo voar sobre as lágrimas do passado.

Existia muito conforto na escuridão e os batimentos daquele coração vestido pelo tecido vermelho da lembrança reforçava o improvável. O toque da certeza acompanhado do casaco que cobria mentiras, criava asas no renascer. Omissão na mesa e a cortesia dos atos da vida com a morte.

Sem desculpas ou perdões. Os óculos continham todos reflexos do passado, que se tornavam visíveis no presente e convincentes para o futuro. O estranho do achar, sobre o olhar da perseverança nas escolhas preservadas pelo sentimento otimista do amanhã.

— *João Batista. 28 de Abril, 2014.*

APÊNDICE K – O CASACO DAS ILUSÕES

Magrelo e instável, aquelas histórias o relatavam como cobrador de sonhos. Discutia com o por do sol caso não gostasse do tom alaranjado. A posição da xícara sobre a mesa identificava o horizonte marrom, com o casaco azul das plenitudes e a barba desgastada pelos trágicos acontecimentos. A caixa de cigarro segurava os punhos da ansiedade do estado inconsciente do universo.

Os campos divididos por quadrados verdes estavam acompanhados pelas estreitas ruas sobre a constante neblina e sombras das úmidas árvores. O amarelado das folhas retratavam as diversidades da angústia sobre a razão. Não era um dia comum. Os milhos caídos e queimados diziam muito sobre cada detalhe da vida.

A descoloração dos olhos mistificava o vento inconstante sobre os ruídos profundos. O livro de anotações carregava as lembranças ilustradas pelo cinza do grafite com o escuro da noite. Nós nunca saberemos o que vai ser. O pequeno detalhe em algum momento era o grão de açúcar no café do silêncio. A sabedoria controlava a raiva sobre os curtos traços do cérebro marcado por lembranças inesquecíveis.

— *João Batista. 19 de Abril, 2014.*

APÊNDICE L – O CORAÇÃO DE VIDRO

O cubo de vidro viajava através das linhas amarelas que se denominavam estradas, gritos exigiam atenção dos curiosos, pavor dos resolvidos e lágrimas dos amantes. Carregava consigo o maior de todos desejos, a metade de um coração banhado a mel e beijado pela ameixa.

Já que os pássaros voavam, as mentiras simplificavam o caminho dos falsos, e afirmava aos honestos que suas verdades estavam morrendo em um campo de lençóis vermelhos e vidros estilhados de sangue. Os sonhadores mastigavam o tecido da fúria olhando ao horizonte amarelo coberto de ilusões.

Serventia dos dedos aos jogadores de cartas, que davam o rumo aos meros gestos apaixonados em uma mesa coberta de impossibilidades. Olhares castanhos misturados a brasa do coração valente, que representava a coragem dos muitos que morreram sonhando com o amor.

— *João Batista. 26 de Novembro, 2014.*

APÊNDICE M – O OLHAR DO GIRASSOL

As lágrimas retratavam o calor do sol nas vértebras dos caules que sustentavam o equilíbrio do mundo. Borboletas voando, e o tufão de ar circulava perante o céu acompanhado de brandas nuvens douradas.

Cicatrizes na terra que estava seca e faminta por sentimentos que se tornavam cada vez mais impossíveis perante o horizonte manchado de sangue. Olhos debochavam o sabor da vida através de pequenos cortes nas raízes que suprimiam todo retrato abstrato do que considerávamos futuro.

Lutar para viver. Um diálogo aberto com a sinfonia do nascer com o morrer. O ruído perante o laminado do vento na superfície verde nas gramas, ilustrava a necessidade de compreendermos a real diferença entre chorar e sorrir.

— *João Batista. 27 de Novembro, 2014.*

APÊNDICE N – O TAMBOR DA CRIATIVIDADE

Quatro personalidades discutiam o tambor da criatividade diante das vozes e chuviscos sobre os guarda-chuvas recuados pelos reflexos dos carros. Olhares intrínsecos dentro do ambiente costurado por madeiras levadas pela história da natureza sobre os concretos da destruição.

Garrafas de água acalmavam o tumulto das correntes energéticas geradas pelo sufoco do céu coberto de dúvidas. As longas folhas das árvores amenizavam a tensão sobre o rosto molhado da lua dentro da noite perdida nas ruas sem fim.

A primeira acentuava a razão do existir. A segunda, o porque da vida. A terceira, questionava a importância da maioria. E a quarta, ostentava a solução da sua própria dúvida. E a vida apenas mostrava que a foice do tempo colhia cada momento passado, e que aquele presente era temporário e o futuro uma história a contar.

— *João Batista. 09 de Abril, 2014.*

APÊNDICE O – AS MÃOS DO TEMPO

O caminhar do vento no campo mastigava todas emoções que a consciência insistia em maltratar, como aquelas pétalas que queimavam rumo ao sol. A despedida significava tudo sobre o ontem e o renascer do hoje. A toalha na mesa estava encardida de mentiras, que acentuava a importância das gotas de café na ansiedade dos desesperados ruídos no estômago daqueles que arranhavam as paredes em busca de respostas.

Cabelos azuis sublinhavam o azul do céu, no punhado de questionamentos que se transformavam junto as dunas da noite. O importante em pequenos dedos que ressaltava a ligação do necessário com o improvável. A coruja entrelaçava o bater das asas nas costas daqueles que acreditavam na perseverança do amanhã.

Sentar no chão, era como retratar... o medo de sentir... o medo de esperar... o medo de arriscar... o medo de perder. Soltar os cabelos, era como... o sentir da noite... o sentir do vento... o sentir do momento... o sentir do impossível. E que sorrir, não era construir, e sim abrir o mundo com janelas coloridas para aqueles que já perderam a vontade de acreditar no futuro.

— *João Batista. 20 de Maio, 2014.*

APÊNDICE P – O PESCADOR DE SONHOS

Costumava ser um cara pontual. Caminhar ao lado do rio acompanhava minha paz interior, e aquelas pessoas pescando uma breve recordação dos momentos efêmeros nos traços do universo. Não que o aliás do porém transmitia questionamentos lógicos das terras nas margens da compreensão.

Indiscutivelmente os pesares formavam folhas no analítico de cada ponto sublinhado nos céus, os chuviscos sobre minha pele ressaltavam a magnitude da vida diante dos meus olhos, e o molhado defendia a importância das lágrimas como forma de aprendizado. O mundo coberto por cores que cultivavam sentimentos inconstantes, como aquelas pequenas ondas formadas pelo rio.

O detalhe é que, isso não é sobre a vida, entenda. É sobre como você a vive e observa. Talvez nos tornamos muito autoconscientes perante os olhos da natureza. Nós criamos a ilusão do eu-próprio, quando na verdade os reflexos das sombras são apenas o honrável abraço da coragem nas vertigens do sol.

— *João Batista. 21 de Abril, 2014.*

APÊNDICE Q – OS SONS DA LIBERDADE

Aqueles quatro toques representavam as estações. O primeiro badalar exaltava sua personalidade ao abstrato. O segundo, o salto da vida perante a caótica realidade. O terceiro, a lembrança angustiante das folhas do tempo. O quarto e último, o incomodo frio da solidão sobre as sombras da rotina cotidiana.

Com mãos no bolso e longos passos, aqueles quadrados na calçada demonstravam o quebra-cabeça da vida no espaço de tempo para cada acontecimento. Todos estavam apressados para cumprir suas afogadas obrigações repetidas dentro da bússola de Urano.

Constantemente correr em destino ao futuro era inevitável, cada passo era acompanhado de uma estação que transformava um casulo em borboleta, flor em semente, vida em morte e lua cheia em lua nova. Seus braços absorviam energias criadas por um ambiente que deixou de ser real e se tornou imaginário com pedaços de recordações.

— *João Batista. 04 de Abril, 2014.*

APÊNDICE R – O SOFÁ DAS RESPOSTAS

Apontou o dedo para aquele objeto curvado com bases de couro e também madeira. E disse. Ao sentar lá, as curas irão surgir e também todas cicatrizes criadas pela vida irão ser compreendidas e moldadas. O porém, é que todas lembranças ruins estarão no seu consciente durante três dias, três horas, três minutos e três segundos.

Os três dias irão indicar o resultado de todas consequências. Atos egoístas e imaturos. Mostrará o quanto cada atitude pesou na vivência de cada ser vivo que passou em sua vida, e como pequenas lágrimas são pesadas, assim como pés de gigantes sobre a estrutura fina da areia. As três horas irão indicar o resultado de todas mágoas e decepções suportadas pela sua consciência dentro do abismo do orgulho. Mostrará que cada ação teve um reflexo positivo ou negativo, e que estes reflexos lhe posicionaram na razão do existir nos véus do universo. Os três minutos irão indicar o resultado de todas as formas de recomeço necessárias para sua consciência. Livrar das dores criadas pelo seu subconsciente. A frustração perderá o caminho até seu coração e estarás livre para identificar a perseverança e boas lembranças dentro de si, como as linhas das estrelas sobre o plumado escuro dos céus.

Os três segundos finais serão para abrir os olhos dentro da nova realidade. Aquela que será perfeita, e não terá mais o prazer do existir e nem o momento da dúvida. A coragem irá permear seus estigmas, como o manto da lua sobre o sol. Decidirá por si só se quer viver a vida das lembranças boas e ruins. Olhe para dentro de você, e respire o prazer de todas lágrimas acompanhadas de tristeza e felicidade. E talvez, talvez não seja a hora de sentar lá, e sim caminhar em busca da sua própria razão.

— *João Batista. 12 de Abril, 2014.*

APÊNDICE S – AS PÉTALAS DA VIDA

A direção não era importante, pois a consciência está escutando alguns ruídos das gotas de chuva caindo sobre os galhos desgastados pelo tempo. É suave como uma pluma mergulhar no inconsciente e relembrar os raros momentos onde o sorriso mostrava ao mundo sua sincera sensibilidade. Só precisamos mergulhar um pouco. Sim, aquela luz submersa significava sua forma de paz mais autêntica e expressiva que o mundo jamais perceberá. Era intocável.

Diga para você mesmo que o movimento da vida não é o que representa sua forma material ou sentimental. Não é sua felicidade. Não é sua tristeza. É seu ser tentando alcançar o impossível com a fórmula dos acontecimentos que o universo denominou como paz. Olhe para baixo e veja o mundo acontecendo dentro da sua consciência e não abra os olhos agora, pois seus olhos estão embaraçados com lágrimas que indicam sua forma mais pura.

É hora de descansar, escutar aqueles ruídos pela última vez, esperar as borboletas se aproximarem. Deixe a tempestade molhar seus sonhos sensíveis. E o sol fortalecer seu corpo como aquelas folhas desgastadas pelo tempo.

— *João Batista. 27 de Março, 2014.*

APÊNDICE T – A JANELA DAS CORES

Queria compartilhar com você minhas novas experiências. Mostrar que todas suas decisões transformaram minha vida em um colorido sintonizado com o arco-íris das palavras mais intrigantes do universo. A vejo em todos caminhares da solidão criada pelos passos perdidos nas areias da movimentada cidade com luzes amarelas.

Aquele momento que todas cores fazem o resplendor do tapete sobre a longa cortina, e que todas janelas significam portas, que podem abrir o abismo de rochas vermelhas na ferrugem dos acontecimentos passados.

Há os que tem a liberdade de escolher, e os que tem a obrigação de sustentar o peso do mundo nas costas. As ardentes correntes dizem que o sensível abstrato é apenas temporário e que os pingos sobre o rosto vazio a maior compreensão da vida que o momento poderia deixar.

— *João Batista. 12 de Abril, 2014.*

